

---

**MANUAL PRÁTICO**  
**DA ARTISTA-JARDINEIRA**

**VOLUME I:**  
*Como começar a cultivar mundos*

*Joana Amora*

---

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Belas Artes – Bacharelado em Artes Visuais - Escultura

**Manual Prático da Artista-Jardineira — Volume I:**  
Como começar a cultivar mundos

Rio de Janeiro  
2023

Joana Peres Tostes dos Santos

**Manual Prático da Artista-Jardineira — Volume I:**

Como começar a cultivar mundos

Texto apresentado como trabalho de conclusão  
do curso de graduação: Bacharelado em Artes  
Visuais - Escultura da Escola de Belas Artes da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientação: Profa. e Dra. Marina Ferreira Frega

Rio de Janeiro

2023

Joana Peres Tostes dos Santos

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ARTES  
VISUAIS-ESCULTURA**

---

**Graduanda:** Joana Peres Tostes dos Santos

**DRE:** 117086505

**Data da defesa:** 22/08/2023

**Título do TCC:** “Manual Prático da Artista-Jardineira – volume 1: como começar a cultivar mundos ”

**Orientadora:** Marina Ferreira Frega




A sessão pública foi iniciada às 14 horas e 30 minutos, com término às 16 horas e 12 minutos. Após a exposição do TCC pela graduanda, a mesma foi arguida oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerada:

**Aprovada**

**Reprovada**

Observações: A estudante apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso e, após arguição, a banca avaliadora a considerou aprovada, com grau 10,0 (dez). A banca indica o trabalho para publicação, pois a estudante demonstrou muita clareza na escrita, e recomenda a continuidade da pesquisa no nível de pós-graduação.

**BANCA EXAMINADORA**

<b>Banca Examinadora</b>	<b>CPF</b>	<b>Assinatura</b>
Profa. Dra. Marina Ferreira Frega - orientadora (BAE-EBA-UFRJ)	099.003.937-40	
Prof. Dr. Floriano de Carvalho Araújo (BAE/EBA/UFRJ)	005.928.557-59	
Prof. Notório Saber Francisco de Assis Chaves Bastos (UNB)	337.175.597-53	

**Manual Prático da Artista-Jardineira —**  
**Volume I: Como começar a cultivar mundos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação: Bacharelado em Artes Visuais- Escultura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais.

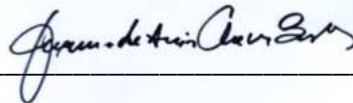
Apresentado em 22 de agosto de 2023

Banca examinadora:



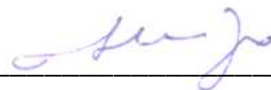
---

Profa. Dra. Marina Ferreira Frega (Orientadora – Universidade Federal do Rio de Janeiro)



---

Prof. Notório Saber Francisco de Assis Chaves Bastos  
(Avaliador – Universidade de Brasília)



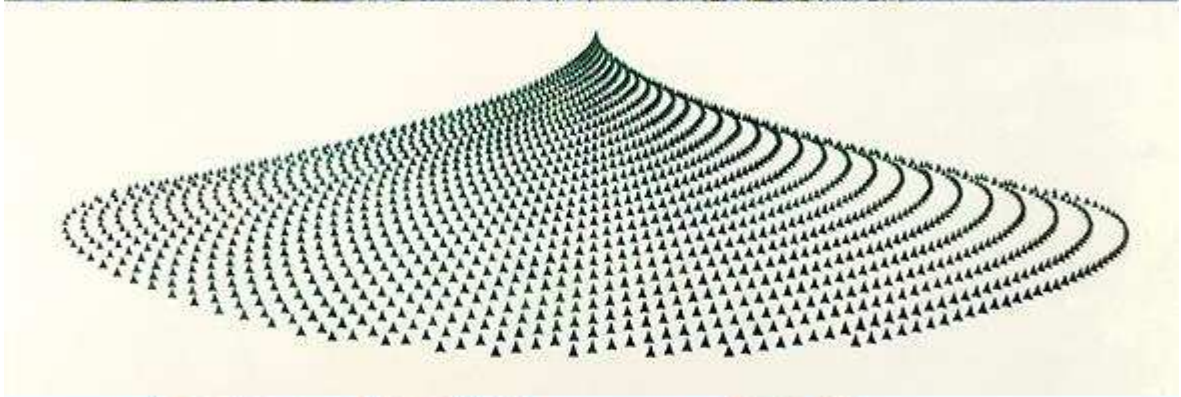
---

Prof. Dr. Floriano Carvalho de Araujo  
(Avaliador – Universidade Federal do Rio de Janeiro)

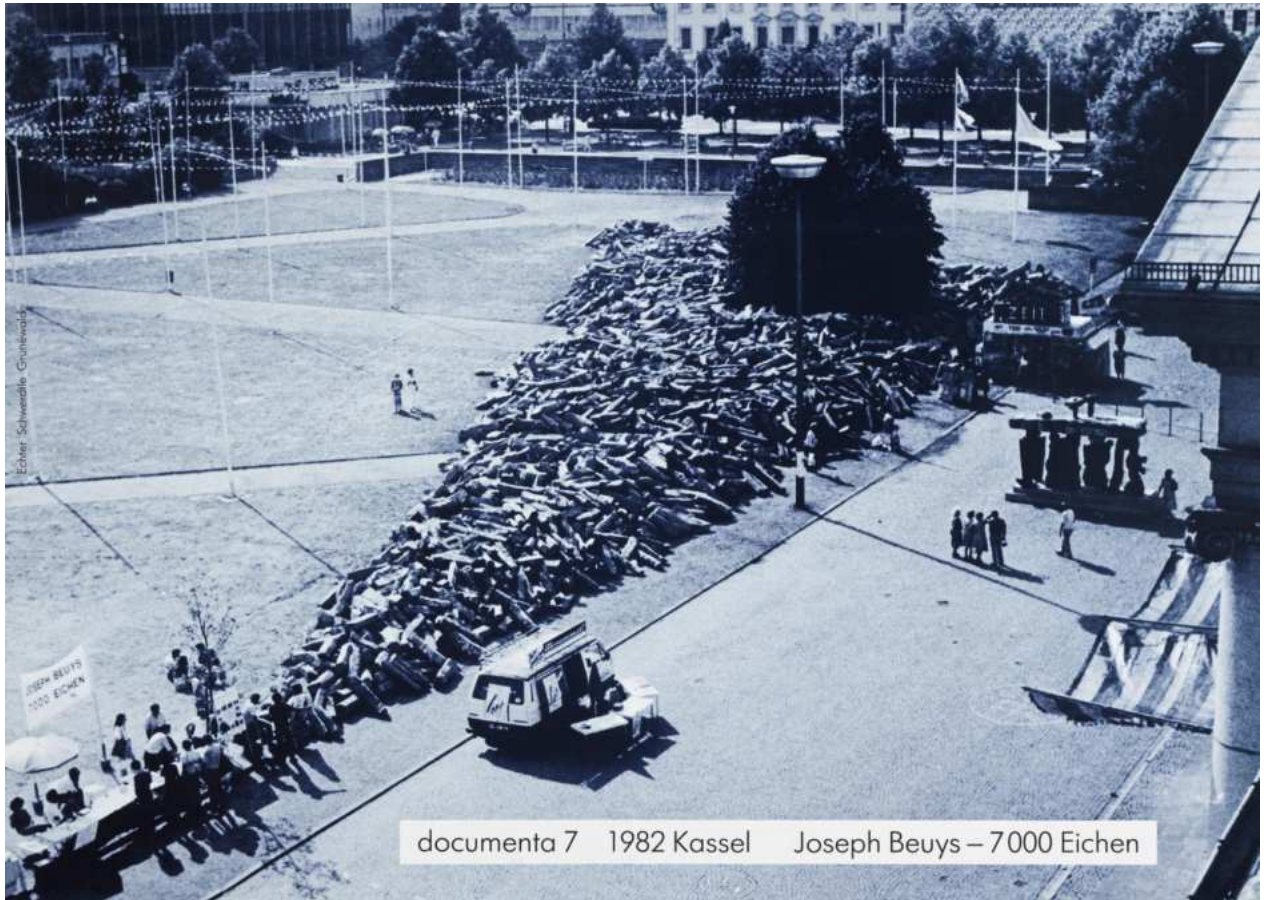
## **Agradecimentos:**

À todes que passaram pelo meu caminho.

E à alguns artistas que são referências para mim, que me inspiram e me dão coragem para tratar de aspectos que descobri essenciais no meu trabalho. Agnes Denes é uma artista estadunidense que se tornou reconhecida por extrapolar escalas de espaço e tempo cultivando trabalhos vivos. Agnes sempre foi uma referência por sua relação direta com a Natureza, mas cada vez que a revisito, compreendo mais seu aspecto científico na criação de situações surreais. Joseph Beuys também trabalha diretamente com a criação de mitologias, tornando sua própria vida uma história fantástica. Seu trabalho é conhecido por se relacionar com outros animais e plantas, questionando temas da sustentabilidade há muitos anos. Por fim, Brígida Baltar, que hoje em dia é névoa, obrigada por suas cenas mágicas, por coletar coisas singelas da vida, por trabalhar com sua intimidade-casa e por nos apresentar suas memórias.



Agnes Denes, *Tree Mountain - A Living Time Capsule-11,000 Trees, 11,000 People, 400 Years*, 1992-96. 420 x 270 x 28 metros. Ylojarvi, Finlandia © Agnes Denes  
Disponível em: <http://agnesdenesstudio.com/works4.html>. Acesso em: 17 jul. 2023.



Joseph Beuys, *7000 Oak Trees*, 1982. Kassel, Alemanha © Joseph Beuys.

Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/beuys-7000-oak-trees-ar00745>. Acesso em: 17 jul. 2023.  
Em 1982, para a documenta 7, Beuys propôs um plano para plantar 7.000 carvalhos em toda a cidade de Kassel, cada um deles emparelhado com uma pedra de basalto.





Brígida Baltar. *A coleta da neblina*, 1999. Fotografia. 40 x 60 cm. © Brígida Baltar. Registro: Juliana Rocha. Disponível em: <https://brigidabaltar.com/pt/obras/#380>. Acesso em: 17 jul. 2023.

## RESUMO

TOSTES, Joana. Manual Prático da Artista-Jardineira — Volume I: Como começar a cultivar mundos. Rio de Janeiro, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais com Ênfase em Escultura) — Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A partir da produção artística e da pesquisa filosófica de Joana Amora, realizada durante o período em que esteve como graduanda do curso Artes Visuais EBA/UFRJ, o trabalho de conclusão de curso apresenta, através da poesia e escrita experimental, reflexões sobre como cultivar melhor a vida — como se fosse um jardim. Uma investigação que brinca com os limites entre realidade e imaginação, entre dentro e fora, entre o todo e sua parte, entre o enorme e o pequenino. Apresentando as práticas que Joana aplica em sua pesquisa e também na vida, se estabelecem premissas de postura perante o mundo. A seguinte monografia se apropria de seu projeto de livro de artista, O Manual Prático da Artista-Jardineira e desenvolve seu primeiro volume de quatro práticas para começar a cultivar mundos.

**Palavra-chave:** *arte contemporânea, ecologia, aprendizado, jardinagem, vida, filosofia de vida.*

## ABSTRACT

TOSTES, Joana. “Practical Manual of the Artist-Gardener — Volume I: How to start cultivating worlds”. Rio de Janeiro, 2023. Course Conclusion Work (Graduation in Visual Arts with Emphasis in Sculpture) – School of Fine Arts, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Based on Joana Amora's artistic production and philosophical research, carried out during the period in which she was a graduate student at the Visual Arts course EBA / UFRJ, the course conclusion work presents, through poetry and experimental writing, reflections on how to better cultivate life — as if it were a garden. An investigation that plays with the boundaries between reality and imagination, between inside and outside, between the whole and its part, between the huge and the tiny. By presenting the practices that Joana applies in her research and also in life, premises of posture towards the world are established. The following monograph appropriates her artist's book project, The Practical Manual of the Artist-Gardener and develops its first volume of four practices to start cultivating worlds.

**Keywords:** *contemporary art, ecology, learning, gardening, life, life's philosophy.*

## RÉSUMÉ

TOSTES, Joana. "Manuel pratique de l'artiste-jardinier - Volume I : Comment commencer à cultiver des mondes". Rio de Janeiro, 2023. Travail de conclusion de cours (Diplôme en Arts Visuels avec spécialisation en Sculpture) - École des beaux-arts, Université fédérale de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Basé sur la production artistique et la recherche philosophique de Joana Amora, menées pendant la période où elle était étudiante diplômée au cours d'arts visuels EBA / UFRJ, le travail de fin d'études présente, à travers la poésie et l'écriture expérimentale, des réflexions sur la façon de mieux cultiver la vie - comme s'il s'agissait d'un jardin. Une recherche qui joue avec les frontières entre la réalité et l'imagination, entre l'intérieur et l'extérieur, entre le tout et sa partie, entre l'énorme et le minuscule. En présentant les pratiques que Joana applique dans sa recherche et dans la vie, elle établit les prémisses d'une posture face au monde. La monographie qui suit s'approprie son projet de livre d'artiste, *The Practical Manual of the Artist-Gardener* et développe son premier volume de quatre pratiques pour commencer à cultiver des mondes.

**Mots-clés :** *art contemporain, écologie, apprentissage, jardinage, vie, philosophie de la vie.*

## RESUMEN

TOSTES, Joana. "Manual Práctico del Artista-Jardinero - Volumen I: Cómo empezar a cultivar mundos". Rio de Janeiro, 2023. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Artes Visuales con Énfasis en Escultura) - Escuela de Bellas Artes, Universidad Federal de Río de Janeiro, Río de Janeiro, 2021.

Basado en la producción artística y en la investigación filosófica de Joana Amora, realizada durante el período en que fue estudiante de posgrado en el curso de Artes Visuales EBA / UFRJ, el trabajo de conclusión de curso presenta, a través de la poesía y la escritura experimental, reflexiones sobre cómo cultivar mejor la vida - como si fuera un jardín. Una investigación que juega con los límites entre la realidad y la imaginación, entre el interior y el exterior, entre el todo y su parte, entre lo enorme y lo diminuto. Al presentar las prácticas que Joana aplica en su investigación y también en la vida, se establecen premisas de postura ante el mundo. La siguiente monografía se apropia de su proyecto de libro de artista, *El Manual Práctico del Artista-Jardinero* y desarrolla su primer volumen de cuatro prácticas para empezar a cultivar mundos.

**Palabras clave:** *arte contemporáneo, ecología, aprendizaje, jardinería, vida, filosofía de la vida.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Registro de processo artístico -----	21
Figura 2 – Registro de processo artístico -----	23
Figura 3 – Registro de processo artístico -----	24
Figura 4 – Registro de processo artístico -----	25
Figura 5 – Aix-Marseille -----	27
Figura 6 – Berlin -----	27
Figura 7 – Paris -----	27
Figura 8 – Manuel I: Comment se relacionner avec la bureaucratie française -----	28
Figura 9 – Manuel I: Comment se relacionner avec la bureaucratie française -----	29
Figura 10 – Manuel I: Comment se relacionner avec la bureaucratie française -----	29
Figura 11 – Caminho Certo -----	30
Figura 12 – Tehching Hsieh: Doing Time -----	32
Figura 13 – Registro de processo artístico -----	35
Figura 14 a 16 – Jardim I -----	37
Figura 17 a 19 – Registro de processo artístico -----	39
Figura 20 – Registro de processo artístico -----	40
Figura 21 – Ipês -----	42
Figura 22 – Paina -----	42
Figura 23 – Flores -----	42
Figura 24 – Registro de processo artístico -----	43
Figura 25 a 27 – Registro de processo artístico -----	44
Figura 28 – Registro de processo artístico -----	45
Figura 29 – Só a ponta do Iceberg -----	46
Figura 30 – Pontinha -----	47
Figura 31 – Registro de processo artístico -----	48
Figura 32 – Exposição Junkie -----	49
Figura 33 – Registro de processo artístico -----	53
Figura 34 – Brinquedinhos -----	55
Figura 35 – Registro de processo artístico -----	56

Figura 36 – Carrapixação -----	57
Figura 37 – Registro de processo artístico -----	57
Figura 38 – Registro de processo artístico -----	58
Figura 39 – Rowan Leaves -----	60
Figura 40 – Snow slab arch second attempt lasted several days melting -----	60
Figura 41 – Dandelions collected on the way to Bretton laid around a carefully made hole -----	60
Figura 42 – River Ice Wrapped Around a River Stone -----	60
Figura 43 – Registro de processo artístico -----	61
Figura 44 a 47 – Registro de processo artístico -----	62
Figura 48 – Registro de processo artístico -----	63
Figura 49 – Pêndulo III -----	67
Figura 50 – Registro de processo artístico -----	69
Figura 51 – Registro de processo artístico -----	70
Figura 52 – Registro de processo artístico -----	71
Figura 53 – Sallisa Rosa -----	72
Figura 54 – Vaso de plantar -----	74
Figura 55 – Bombas de semente e Vasos de plantar -----	75
Figura 56 – Bombas de desejos -----	76
Figura 57 – Bombas de desejos -----	76
Figura 58 – EXPERIÊNCIA SENSORIAL: Agente Húmus -----	77
Figura 59 – EXPERIÊNCIA SENSORIAL: Agente Húmus -----	77
Figura 60 – Registro de processo artístico -----	79
Figura 61 – Joana Amora, registro de vivência agroecológica no sítio Santa Fé -----	82
Figura 62 – Joana Amora, 2021, processo artístico -----	83
Figura 63 – Joana Amora, 2021, processo artístico -----	84
Figura 64 – Registro de processo artístico -----	85
Figura 65 – Joana Amora, 2020 -----	85
Figura 66 – Monotipia -----	86
Figura 67 e 68 – Registro de processo artístico -----	87
Figura 69 – Registro de processo artístico -----	88

Figura 70 a 72 – Registro de processo artístico -----	89
Figura 73 e 74 – Terra UNA -----	90
Figura 75 e 76 – Sem título -----	91
Figura 77 a 79 – Maracujá sobre grade -----	93
Figura 80 – Detalhe de Maracujá sobre grade -----	94
Figura 81 – Geométrico I -----	95
Figura 82 e 83 – Registro de processo artístico -----	96
Figura 84 – The Future of Art -----	97
Figura 85 – Bandeira III -----	98
Figura 86 – Bandeira I -----	98
Figura 87 – Registro de processo artístico -----	99
Figura 88 – Ninhão -----	100
Figura 89 – Ninho -----	100
Figura 90 – Nid -----	101
Figura 91 – Registro de processo artístico -----	102
Figura 92 – A casa da maga -----	105
Figura 93 e 94 – Piquenique de ativação de A casa da maga -----	106
Figura 95 – Chez la Magicienne 🌐 -----	107
Figura 96 – Chez la Magicienne 🌐 -----	108
Figura 97 e 98 – Chez la Magicienne 🌐 -----	109
Figura 99 e 100 – Detalhes de Chez la Magicienne 🌐 -----	110
Figura 101 e 102 – Detalhes de Chez la Magicienne 🌐 -----	111
Figura 103 e 104 – Detalhes de Chez la Magicienne 🌐 -----	112
Figura 105 e 106 – Detalhes de Chez la Magicienne 🌐 -----	113
Figura 107 a 111 – Interações de Chez la Magicienne 🌐 -----	114
Figura 112 a 116 – Interações de Chez la Magicienne 🌐 -----	115
Figura 117 – Registro de processo artístico -----	116
Figura 118 a 124 – Série Nouvelles Façons d’Habiter la Société Humaine. -----	117
Figura 125 – Registro de processo artístico -----	118
Figura 126 e 127 – Série Coucou -----	119

Figura 128 e 129 – Sans-titr-----	120
Figura 130 – Registro de processo artístico -----	121
Figura 131 – Registro de processo artístico -----	124

## **SUMÁRIO:**

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
1.1 A ARTISTA JARDINEIRA .....	19
<b>2 O MANUAL .....</b>	<b>20</b>
2.1 PASSEIO .....	22
2.2 COLETA .....	33
2.3 ORGANIZAÇÃO .....	50
2.4 DIVERSIDADE .....	64
2.5 CULTIVO .....	80
2.5.1 MEU CULTIVO .....	103
<b>3 ATÉ LOGO E OBRIGADA PELOS PEIXES .....</b>	<b>104</b>
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>121</b>
<b>5 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>125</b>



# 1 INTRODUÇÃO

*P*razer.

O texto que você está começando a ler se trata do meu trabalho de conclusão do curso de graduação em Artes Visuais - Escultura na Escola de Belas Artes da UFRJ. Desde 2019, assumi o nome artístico Joana Amora e me autodenomino “artista-jardineira”. Desde lá venho entendendo minhas práticas como artista contemporânea dentro e fora da universidade. Aqui, escolhi lhes apresentar o desenvolvimento de minha pesquisa através do Volume I do meu projeto de livro de artista *O Manual Prático da Artista-Jardineira*. O “Manual” é um projeto iniciado em 2020 e o volume apresentado aqui traz as cinco primeiras práticas para começar a “cultivar mundos”.

A artista-jardineira é um arquétipo. É aquela que trabalha e aprende com a Natureza. É o tipo de artista que sou, mas também é um jeito de ser que podemos encontrar em diversas pessoas. Eu proponho que qualquer pessoa possa ser mais artista-jardineira também e por isso escrevi este manual. Assim, como estamos falando de todos nós, durante o texto haverá trocas de sujeito: entre ela, eu, você.

Proponho pensarmos sobre cultivar mundos, pois, como sociedade, tentamos criar, cada vez mais soluções para problemas que nós mesmos criamos, apenas por não tentarmos aprender algo a partir da nossa experiência. Seja em escala ecológica, social, ou seja, em escala individual, entender como funciona o mundo, em constante processo de aprendizado, é o que permite que possamos agir melhor nele e escolher melhor os efeitos que causamos nele. O Manual é, portanto, a maneira de sintetizar essa minha pesquisa e metodologia em um texto que reflita minha personalidade como artista e pensadora.

Portanto, este trabalho começará, para o leitor, com um texto que descreve o que é a “**artista-jardineira**”, extraído do meu caderno de pesquisa; em seguida lhes contarei o que é o **manual**; e depois serão apresentadas cinco **práticas** que são essenciais para minha pesquisa. Por fim, começaremos a dizer **até logo** descrevendo o momento atual da minha produção, bem como

referências importantes, e então **concluirei** resumindo um pouco da história e refletindo sobre caminhos futuros.

Cada prática começará com um trecho original do Manual e será escrito em uma linguagem íntima e poética, inspirada pela comunicação oral, como um devaneio filosófico que poderíamos ter eu e você, passeando por um jardim. Portanto, a linha de pensamento por vezes irá incorporar a dúvida e fugir ao raciocínio lógico. Trata-se de uma viagem... Essa parte será contada como uma história, [com letras bem grandes assim], e é escrita em linguagem mais informal, pois se trata daquilo que aprendemos e refletimos na própria vida, não em livros, nem na academia. Essa linguagem, portanto, por vezes desvie da norma culta da língua portuguesa, pois no dia a dia, vivendo e descobrindo o mundo, falamos de outro modo. Após a “filosofia” de cada prática, haverá uma parte que articula teoria e prática artística, em [letras pequenas assim] em que explicarei como o pensamento se aplica ao meu processo; apresentarei trabalhos que o ilustram, e trarei referências de outros artistas e autores que associo com as ideias desenvolvidas. Ao longo de ambos os momentos também serão incorporadas poesias, trechos do meu portfólio e deste Manual em *itálico*, e essa escolha têm a função de trazer uma atmosfera poética à leitura, além de costurar e reafirmar pontos importantes para o pensamento da artista-jardineira. Vez ou outra enfatizarei palavras ou frases chaves através do **negrito**. Para que você não se perca na linha de pensamento, cada prática começará com o final poético da anterior.

Portanto, este TCC trará dois tipos de linguagem. Os dois regimes de linguagem serão apresentados com formatações estéticas diferentes. Assim, este texto permite diferentes leituras e, caso queira, você poderá lê-lo apenas como manual, apenas como TCC, ou como os dois. Como o texto se trata de um trabalho de conclusão de curso da graduação de Artes Visuais - Escultura me reserva o direito de vez ou outra, aplicar recursos visuais e formatações estéticas diferentes das comuns à ABNT, como mais uma camada de experimentação artística, utilizando a palavra como material. Ainda que o contexto de um trabalho de conclusão de curso de graduação impossibilite a subversão total das regras é importante que este seja também o momento para trabalhar o que aprendemos em nossa formação sobre a plasticidade e visualidade dos nossos materiais. Essa experimentação, então, se inicia nesta introdução, que foi escrita se dirigindo diretamente ao leitor - você -, como uma carta.

Neste texto, apresentarei trabalhos e pesquisas realizadas desde 2018 até hoje, investigando mídias como instalação, performance, fotografia, objetos, livros, desenhos e outros. O texto será centrado na minha própria prática e pensamento e, eventualmente, serão mencionados artistas com os quais construo diálogos práticos e teóricos: Tehching Hsieh, Jac Leiner, Agnes Denes, Brígida Baltar, Lygia Clark, Joseph Beuys etc. Minhas ideias de jardim partiram do livro *A Invenção da Paisagem*, de Anne Cauquelin, entre diversos autores, os quais li durante meus seis anos de universidade. Entretanto, este trabalho de conclusão de curso pretende desenvolver principalmente articulações teóricas próprias, frutos dessas e de inúmeras outras referências, não apenas textuais: defendendo a universidade como espaço de produção de conhecimento e reflexão nova, defendendo saberes que transbordam bibliografias e dispensando a preocupação de, sempre, validar ideias específicas em pensamentos terceiros. Afinal, minhas reflexões vieram, para além dos livros, de cada pessoa, planta ou ser que passou pelo meu caminho, impossíveis de serem totalmente rastreados em cada nota de rodapé. Todas as referências importantes para as reflexões desenvolvidas e que por ventura não sejam citadas diretamente no texto, serão, portanto, incluídas na lista de referências bibliográficas ao final deste TCC.

Todas as escolhas mencionadas reforçam a metodologia empírica de pesquisa empregada em meu trabalho artístico: experimentar, observar, refletir e produzir conhecimento através de experiências.

*Boa viagem.*

Amora<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Agora já estamos íntimos, e você pode me chamar assim.

## 1.1 a artista-jardineira

*A jardineira cuida & cultiva o jardim  
 Ela presta atenção nas coisas, na Natureza.  
 Conhece os seres do jardim & sabe se relacionar com eles.  
 Presta atenção no tempo.  
 Interfere no jardim, mas também está sempre em escuta.  
 Nessa troca, nesse jogo,  
 entre a vida & ela.  
 A jardineira é aquela que cultiva vida, o tempo todo  
 & entende a vida.  
 Está sempre buscando aprender sobre cultivar & entender a vida.  
 É quem tem & exercita a paciência que o jardim & o cultivo exige.  
 É quem sempre busca resolver os "problemas" do jardim.  
 Criar, pensar soluções  
 para que aquele ecossistema viva,  
 em harmonia, paz, equilíbrio.  
 A jardineira entende que ela faz parte do jardim,  
 mas que não tem tudo sob controle.  
 Entende que ela, assim como cada ser daquele jardim  
 é de igual importância para aquela realidade.  
 A jardineira contempla,  
 a jardineira respira,  
 a jardineira brinca,  
 a jardineira sorri.  
 Não todo tempo, não.  
 Não com tudo.  
 Mas com qualquer coisa.  
 Com o pequeno & grandioso cotidiano,  
 comum, ordinário,  
 natural.  
 Tudo é fantástico para a jardineira.  
 Uma real fantasia mágica.  
 Uma fantástica realidade mágica.  
 Um universo, no jardim.  
 A mágica se passa entre a casa, o mundo & o ateliê.  
 No meio disso está o jardim.*

## 2 O MANUAL

*“Os jardins são sistemas complexos, pluri sensoriais & multidimensionais, que articulam experiências, seres e processos diversos em constante movimento; um organismo vivo composto de muitas partes; um espaço de cultivo, crescimento e colheita; um recorte de realidade, uma realidade”.*

*T*udo começa com a casa, com o mundo e com o atelier. Esse manual se propõe a ser um guia, uma conversa, um pensamento, um passeio, talvez, sobre como podemos viver melhor e aproveitar melhor a vida que temos. Como podemos cultivar a vida de uma forma melhor para as próximas vidas que virão. **Como podemos cultivar jardins**

O *Manual Prático da Artista-Jardineira* é sobre os assuntos essenciais que surgem na relação de nós — humanos — com o mundo, e também de nós *como* mundos. Ele é sobre quais são os aprendizados que tive como jardineira e, acredito que devemos estar atentos para cultivarmos a vida — como um jardim. Cada um de nós é muito, mas muito diferente um do outro. Cada um de nós tem suas leis físicas e dinâmicas próprias, que são regidas a partir de suas experiências, de seus contextos, de seu pequeno universo — seu jardim.

Como esses universos que estão no mundo se relacionam entre si? Como diferentes universos se formam a partir da perspectiva, do contexto e do recorte que você faz da realidade? O que podemos aprender desse emaranhado de vidas que estão se relacionando? E como podemos agir melhor nesses ecossistemas?

**Esse primeiro volume do Manual é sobre como começar a cultivar essas realidades.**

Então vamos lá. Tudo começa com o pensamento.

Quer dizer, com a experiência. A experiência gera o pensamento.

É a experiência, será?

Não sei.



Figura 1 – Joana Amora, 2020. Registro de processo artístico. Durante Residência *Arte & Magia Terra UNA 2020*.

## 2.1 Passeio

*T*udo começa com o passeio. O passeio é quando nós nascemos, saímos do útero da nossa mãe e vamos para a vida. Trata-se do princípio da vida, pois ela é em si “um passeio”. O passeio parte do princípio que saímos de um ponto de partida, nosso ninho. Ele parte também do princípio que vamos embora para descobrir o novo e voltamos com aquilo que aprendemos. Partimos no passeio para explorar o mundo e ver o que acontece nele. Tudo começa com esse ato, pois assim entendemos que nosso pequeno universo pode se expandir. Por diferentes caminhos, vamos descobrindo que existe muito mais do que aquilo que nós achávamos que existia e que o universo é muito maior do que achávamos que era o universo. Nele descobrimos que não sabemos de nada.

Assim, aprendemos que temos que ir para o mundo, prestar atenção nas coisas e refletir sobre aquilo. Então nós saímos, damos uma passeada, conhecemos as coisas e voltamos. A partir dessa viagem, descobrimos novos mundos e crescemos como seres humanos. Quando nosso pequeno universo se expande, começamos a ver a vida de uma forma diferente, a partir das novas perspectivas. O passeio é uma prática importantíssima, pois ele diz: “Precisamos nos mexer”. Se mexer dentro do constante movimento da vida e coletar novas experiências. ~



Figura 2 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Primeiro passeio pelo centro de Aix-en-Provence (A cidade das 1000 fontes), na França.  
Se inspirando em fontes e possíveis utilizações do material “água” para futuras instalações.



No meu trabalho como artista-jardineira o passeio é essencial. É no deslocamento no tempo e no espaço que a vida passa. Quando saio para **passar**, busco me encantar pelo mundo e guardar lembranças do caminho. Às vezes transformo os trajetos cotidianos em passeios, experimentando novos caminhos ou prestando atenção em novas coisas. Quando eu era pequena, meu professor de biologia disse, uma vez, que variar a forma como voltamos para casa cria novas sinapses e conexões no cérebro — nunca me esqueci disso. Assim, a importância do passeio surgiu em minha vida, e ela se evidencia de diversas formas na minha prática: seja com a localização, das coletas ou trabalhos (que cito no portfólio); seja pelo hábito de passar pelo meu bairro, pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pelas trilhas e pelo mundo em si, viajando; seja pelos trabalhos vivos ou séries que se desenvolvem em uma duração expandida do tempo e através de um deslocamento no espaço; seja a partir do pressuposto que meu trabalho se passa na vida, passando pelo mundo e descobrindo coisas novas.



Figura 3 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico. Primeiro passeio pela área rural de Aix-en-Provence, na França.



Figura 4 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Primeira trilha pelas redondezas de Aix-en-Provence, na França. Realizando coleta.

As práticas do Manual podem ser aplicadas além do meu processo em si, a quase todos os meus trabalhos. Entretanto, duas pesquisas que tenho desenvolvido recentemente expressam bem o campo do “passeio”: *Livros-objetos* e *Caminho Certo*. Os trabalhos foram desenvolvidos no contexto do meu intercâmbio universitário de um ano em Aix-en-Provence, no sul da França. Começado em agosto de 2022, a viagem/estadia/casa foi em si um passeio, onde conheci muitos novos caminhos e possibilidades.

No começo de 2023, à Aix-en-Provence, comecei a desenvolver uma série de livros-objetos<sup>2</sup>. Os livros surgem a partir de índices<sup>3</sup> do meu deslocamento no espaço e no tempo por esse novo continente, e eles contam essas histórias. Guardando metodicamente cartas e tickets de transporte, reflito sobre atravessar distâncias, sobre os sistemas que habito e por onde passo. A maioria dos livros são “escritos” a partir de bilhetes de transporte público de cidades às quais vivi tempo o suficiente para coletar, e eu os chamo de “Historinhas”. Os livros contam histórias de descolamento e de permanência, em um mesmo local, e são uma prática que pretendo continuar pelas cidades que eu morar ao longo do meu caminho.

---

<sup>2</sup> O formato “livro-objeto” me foi apresentado nas aulas do curso “Poema-objeto” de Xico Chaves. Esse meio se desenvolveu na história da arte Brasileira a partir do movimento do “Poema-processo”, no qual se questionava as formas convencionais da escrita. Augusto de Campos, o próprio Xico Chaves, entre outros artistas, fizeram parte do movimento expandindo a semântica para à própria materialidade de seus objetos, participando da transição à arte contemporânea.

<sup>3</sup> Índices são resquícios do tempo passado no presente, aquilo que sobra de um acontecimento. “(...) o princípio do rastro, a impressão, o “foi”, o index (índice).” Tradução pessoal. (Dubois, 2016, p.)



Figura 5– Joana Amora, *Aix-Marseille*, 2023. Livro-objeto.  
Obs.: A região da França onde moro.



Figura 6 – Joana Amora, *Berlin*, 2023. Livro-objeto.  
Obs.: A cidade em que mora meu namorado.



Figura 7 – Joana Amora, *Paris*, 2023. Livro-objeto.  
Obs.: A capital da França. Onde tudo se passa.  
Onde projeto futuros como artista.

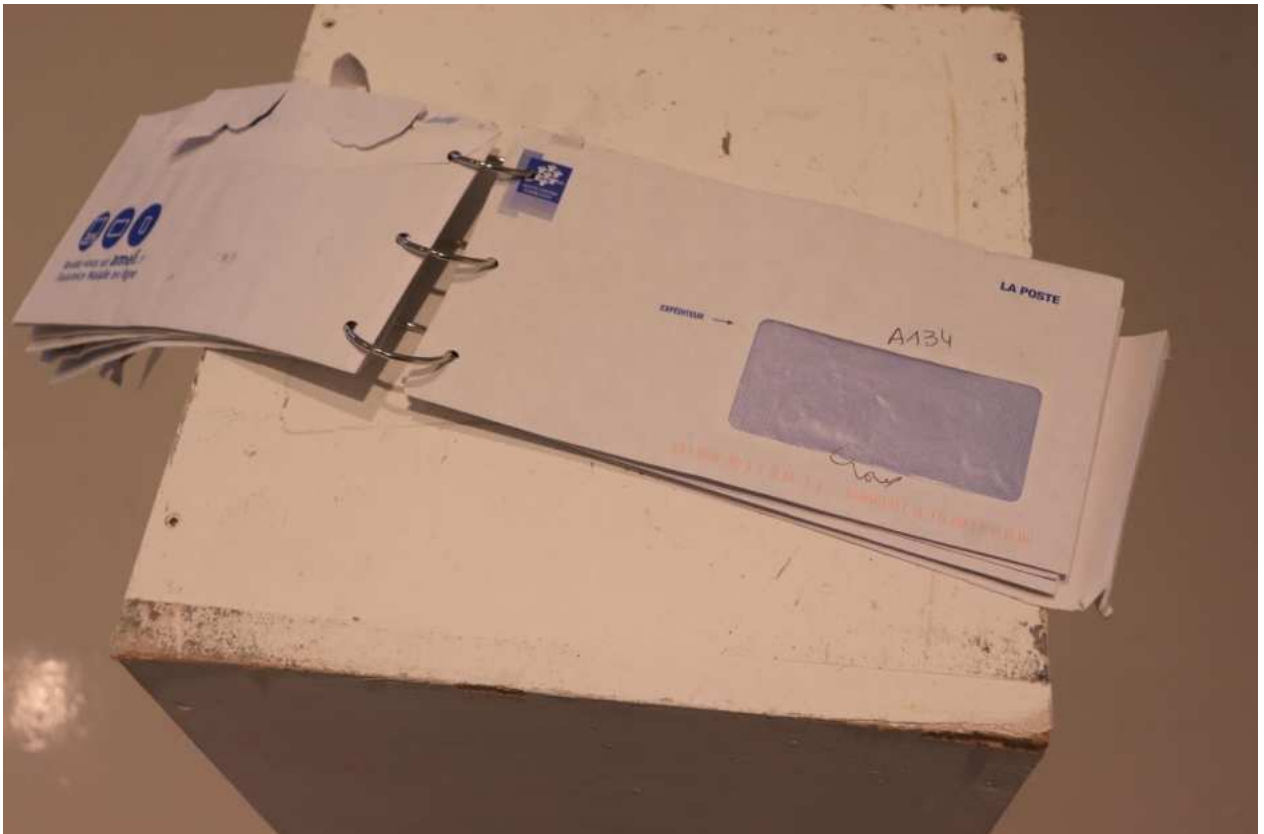
Um pouco diferente dos outros, o quarto livro-objeto é composto de todos os envelopes que recebi na França. Comecei a guardá-los quando entendi que o envio de cartas, principalmente para processos administrativos, é bem comum nesse país. Interessou-me o tempo lento da ação de mandar cartas e as distâncias geográficas que essas mensagens ou documentos atravessam. *Manual 1: Como se relacionar com a burocracia francesa*, realizado em 2023, também vem das reflexões sobre o que é querer e tentar permanecer em um lugar que “a princípio”<sup>4</sup> não é o seu.



Figura 8 – Joana Amora, *Manuel I: Comment se relationner avec la bureaucratie française* (Manual 1: Como se relacionar com a burocracia francesa), Série *Livros*, 2023, Todos os envelopes de cartões recebidos desde a chegada à França (setembro de 2022), 115.5 cm x 29.7 cm x 2 cm montagem

---

<sup>4</sup> Em um mundo tão globalizado e cada vez mais rígido em seus limites, regras e dinâmicas de imigração, se trata de uma discussão complexa definir quem pertence ou não a um território. Seja pela história, família, ou seja, qual for o motivo, cada um tem um porquê de se sentir pertencente a um lugar o qual não nasceu. Exatamente por isso, durante meu tempo na França, o mais interessante foi perguntar a cada brasileiro expatriados que conheci como e por que eles vivem nesse novo país.



Figuras 9 e 10 – Detalhes de *Manuel I: Comment se relacionner avec la bureaucratie Française.*

*Caminho certo* é outro trabalho que se dá no passeio. Trata-se de uma coleção de todos os elásticos de cabelo que encontro no meu caminho. A coleção se iniciou ao chegar a Aix-uma-Provence para estudar e se expandiu para outras cidades e países que visitei. Aix-uma-Provence é uma cidade bem universitária, então existem muitos elásticos de estudantes perdidos pelo chão. Com o tempo, criei a superstição de que cada vez que encontrasse um elástico isto significaria que estaria no caminho certo.



Figura 11 – Joana Amora, *Caminho Certo (Le uma chemin)*, 2023, Catalogação de elásticos de cabelo.

Mas a prática de passear, a meu ver, como metodologia criativa, se encontra no mundo desde os humanos da pré-história, passando pelos filósofos peripatéticos, artistas como os surrealistas<sup>5</sup> e muitos outros. Tehching Hsieh é um artista de origem taiwanesa, conhecido por suas *One year performances*<sup>6</sup> (*Performances de um ano*). Cada uma de suas performances dura um ano e fazem, portanto, parte da sua vida. Entre suas performances, ele assumiu missões como não entrar em “lugares fechados”, se manter amarrado à artista Linda Montano e tirar uma foto a cada hora durante um ano<sup>7</sup>. Tehching seria um mestre em passear, pois, todos seus trabalhos se desenrolam no mundo, no dia a dia, na exploração de sua própria vida e também em experimentar sempre novos caminhos. Em 2017<sup>8</sup>, o artista teve o pavilhão taiwanês da Bienal de Veneza dedicado a si em uma exposição chamada *Doing Time (Fazendo Tempo)*. Em sua entrevista para a exposição ele diz: “Eu diria que minhas performances querem mostrar diferentes perspectivas de pensamento sobre a vida. Essa perspectiva vem de algumas condições prévias. A vida é uma sentença de prisão perpétua; a vida é um tempo que passa; a vida é um pensamento livre”<sup>9</sup>. Segundo o curador da exposição, Adrian Heathfield, “Cada trabalho reúne diferentes métodos de documentação, desafiando o que pode significar arquivar uma vida”<sup>10</sup> e, portanto, também se trata de guardar lembranças de um percurso.

---

<sup>5</sup> Segundo o texto *La dérive, radicalisation de la promenade surréaliste*, sobre as caminhadas como metodologia de criação nas práticas surrealistas: “Adotando Paris como um lugar de atividades, a cidade se apresenta como um berço de surpresas e encontros relacionados ao cotidiano; o caminhante é então definido como um ser passivo, contemplativo, aguardando as solicitações que poderiam surgir da metrópole francesa. A caminhada pode, assim, ser entendida como uma metáfora para o ato de escrita automática, na medida em que esta caminhada é realizada sem destino pré-determinado e adotando um modo de espírito livre para quebrar o tédio e a banalidade da vida cotidiana.” (EX-SITU, 2021) Tradução pessoal.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/DgUxBdmGZBUA8A>. Acesso em: 17/07/2023.

<sup>7</sup> Performances em ordem: *Outdoor Piece, Hope Piece, Time Clock Piece*

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.taiwaninvenice.org/>. Acesso em: 09/07/2023.

<sup>9</sup> “I would say my performances want to show different perspectives of thinking about life, This perspective comes from some preconditions. Life is a life sentence; life is passing time; life is freethinking”. Tradução pessoal. VERNISSAGETV. **Tehching Hsieh: Doing Time / Taiwan Pavilion, Venice Art Biennale 2017**. YouTube. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b7p3w-v9nlk>. Acesso em: 09/07/2023.

<sup>10</sup> Adrian Heathfield. “Each work convenes different methods of documentation, challenging what it might mean to archive a life”. Tradução pessoal. VERNISSAGETV. **Tehching Hsieh: Doing Time / Taiwan Pavilion, Venice Art Biennale 2017**. YouTube. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b7p3w-v9nlk>. Acesso em: 09/07/2023.





Figura 12 – Exposição *Tehching Hsieh: Doing Time*, apresentado pelo pavilhão Taiwanês na 57 Bienal de Arte de Veneza 2017. Disponível em: <https://www.tehchinghsieh.net/doing-time>. Acesso em 04 jul. 2023.

Assim como no trabalho de Tehching, nos meus trabalhos *Historinhas*, *Comment se relacionner avec la bureaucratie française* e *Caminho certo*, o passeio pode ser pensado de uma forma muito mais filosófica do que “literal”. De fato, a ideia deste manual é pensar as declinações<sup>11</sup> filosóficas e simbólicas de ações cotidianas, de cada prática. Nesse sentido, realizar passeios é uma prática que nos faz descobrir o mundo. Mas o mais importante aqui é pensar: como podemos tratar o passeio como uma postura de vida?

---

<sup>11</sup> Diferentes posições de “latitude” de um astro.

## 2.2 Coleta

*“O passeio é uma prática importantíssima, pois ela diz: ‘A gente precisa se mexer’. Se mexer dentro do constante movimento da vida e coletar novas experiências.”*

Durante o passeio, para descobrir o que existe no universo precisamos usar nossos sentidos. Nós sentimos, escutamos, provamos, tocamos, vemos. Tudo para experienciar e perceber a realidade que vivemos naquele momento. Ao sentir o mundo, coletamos essas experiências e criamos memórias. Somos afetados pela realidade e essas novas memórias criam novas ideias do mundo. Nós coletamos tudo isso e vamos guardando.

A vida é sensacional, tudo na vida causa sensações e se não prestarmos atenção na vida, não veremos o quão sensacionais todas as experiências do mundo são.

Coletar é sentir. É quando guardamos algo do mundo que nos afeta de alguma forma. Podemos querer guardar para sempre aquilo que encontramos e que achamos genial (ou até horrível em alguns casos). Podemos querer guardar algo também só para estudar melhor como funciona e depois deixar ir embora. A coleta pode ser feita para os mais diversos fins. Seja para suprir necessidades básicas como se alimentar, e se vestir, ou para criar coisas “inúteis”, que no fim servem para derivar possibilidades inventivas. Estamos sempre coletando, e isso é um hábito histórico do ser humano. Cabe a nós aprendermos o que fazer

com aquilo que guardamos ou aprender a escolher melhor também. De todo modo, sentir e experienciar o mundo é o que nos cria, como ser, como subjetividade, como pessoa. Só temos capacidade de pensar o mundo, e até de existir fisiologicamente, porque sentimos e coletamos.

Coletando, nós temos mais materiais para ver essa vida de outras formas e assim começamos a entender mais o universo. Quando saímos para passear e escutamos um som, por exemplo. Ao escutar percebemos que existe uma coisa no mundo que por enquanto não temos nem a palavra para definir o que é aquilo. “O que é que é isso aqui?”. O canto de um pássaro. Só vamos definir o que é aquilo, quando começarmos a refletir sobre o que estamos descobrindo e sentindo: quando começarmos a organizar. ~



Figura 13 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Coletas no atelier em Laranjeiras, RJ.

A artista-jardineira é quem coleta o tempo todo. Sejam sementes para plantar, sejam materiais para criar coisas. Ela — eu — sabemos que o mundo tem tudo para dar e só é preciso aprender com ele. A prática de **coletar** pressupõe que precisamos do mundo. Seja para definir nossa perspectiva, para ter ideias, ou seja, para nos suprir. Só somos nós a partir do que o mundo nos dá. Assim, comecei coletando plantas para comer e sementes para plantar em minhas agroflorestas e meus jardins. Tudo começou com minha coleção de sementes, quando entrei para o movimento Agroecológico. E assim, fui fazendo trabalhos vivos, como meu primeiro jardim.

*Experimentação agroecológica-sensorial I*, carinhosamente apelidado de *Jardim I* foi meu primeiro jardim e trabalho vivo. Realizado em 2018, tratou-se de uma instalação para a Galeria Curto Circuito de Arte Pública do Parque Tecnológico da UFRJ. Ao centro dessa instalação, temos uma estrutura de bambu que ao longo do tempo será coberta de trepadeiras. Dentro dessa estrutura ouvimos sons dos ventos também de bambu e temos alguns bancos para se sentar e passar o tempo. Circulando por esse ambiente passamos por um caminho de tijolos e quatro outros caminhos que atravessam os canteiros de jardinagem. Cada caminho tem uma textura — pedrinhas, areia, bambu, tijolos — e você pode sentir todas elas com seus pés<sup>12</sup>. Nos canteiros temos pequenas mudas, estacas e sementes de plantas comestíveis, aromáticas e medicinais. Esse Jardim convida os transeuntes a plantar, colher, comer, cheirar, ouvir e tocar. Trata-se de um ambiente meditativo que admite seus passantes como elementos primordiais da paisagem.

---

<sup>12</sup> As diferentes texturas podem evocar a experiência dos *Penetráveis* de Hélio Oiticica, um artista que é uma grande referência em minhas pesquisas experimentais e reflexões sobre o fazer da arte. Suas instalações propõem que o participante experiencie diferentes sensações através da diversidade de texturas, cores e sons, aproximando a obra artística da própria vida e questionando os limites que os museus e galerias impõem ao espectador de arte.



Figuras 14, 15 e 16 – Joana Amora, *Jardim I*, 2018-2020. Instalação-jardim. Plantas, composto, bambu, tijolos, pedrinhas, sementes, gongolos, barbante, troncos, placa e tempo. Adimensional. Parque Tecnológico da UFRJ. Foto da inauguração: Jady Louise.

A ideia do jardim surgiu a partir da leitura de *A Invenção da Paisagem* de Anne Cauquelin. Neste livro, ela descreve a “forma jardim” e explica sua reflexão sobre o que é uma paisagem. Segundo Anne<sup>13</sup>, uma paisagem evoca antes de tudo, um imaginário, uma fantasia. Muito além da visão, uma paisagem é composta por sentidos diversos. Estamos acostumados a crer que a paisagem é apenas uma imagem visual porque ela tem uma história, “submetida às convenções pictóricas e literárias” (Cauquelin, 2007, p.15). Mas, de fato, uma paisagem é um recorte da realidade, ou seja,

<sup>13</sup> A escolha estética de chamar os artistas aqui mencionados pelo nome é pela intimidade — postura e característica pessoal minha e de minha pesquisa artística.

uma perspectiva. A partir daí formei minha reflexão sobre os jardins e sobre “as realidades”, revisitando ideias da teoria das cordas e da relatividade — que me tanto interessava quando cursei Física — para chegar à conclusão de que tudo é relativo, e que o que é o mundo varia a partir do que sabemos.<sup>14</sup>

Em *Jardim I*, nunca previ um jardim completamente pronto de início. Ele só existiria se fosse cuidado pelas pessoas e pelo ecossistema ao seu redor. O Jardim, acima de tudo, existiu como imaginação de um futuro que as pessoas projetam sobre ele. Esse trabalho era um processo, um **passeio**, e para registrar minhas visitas e observações criei o blog Tumblr<sup>15</sup>. Convidando os passantes a sentir e imaginar, o Jardim integra a memória dessas pessoas. Agora, em cada uma delas, uma parte de seu ser é o Jardim.

Após esse trabalho, comecei a me interessar pelas sensações que a Natureza poderia me oferecer, pelos seus materiais e texturas. Na verdade, nesse processo artístico apenas retomei uma prática que tinha desde criança. Eu plantei um maracujá na casa da minha avó e guardava todas suas “molinhas” (“gavinhas”), só porque as achava sensacionais<sup>16</sup>. Quando passeava pela minha rua também guardava sementes de vagens que caíam de uma árvore, e eu as chamava de moedinhas. Então como artista comecei a retomar meu interesse por esses materiais, e pensar o que poderia fazer com eles. Diferente das sementes, que podem ser plantadas, os materiais secos também são efêmeros, mas viram pó.

---

<sup>14</sup> Paisagem vem do francês “*paysage*” que por sua vez faz referência à “*pays*” (país). A palavra paisagem seria então “extensão do país que o olho pode abarcar como um todo” (Garnier, Hippolyte, 1224 ds Hug.). Jardim, por sua vez, vem do Frâncico gardo: “cercado”. Assim, o jardim é uma parte da realidade no qual estamos cercados. É nesse território que nos cabe nossa ação e percepção do mundo. Claro que podemos expandir nosso jardim. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/5Bw9o/paisagem/> e <https://www.cnrtl.fr/etymologie/paysage>. Acesso em: 09/07/2023.

<sup>15</sup> <https://jardinsjardins.tumblr.com/>

<sup>16</sup> A palavra “sensacional” me interessa por sua origem fundada naquilo que causa “sensação” e por remeter à ideia de uma boa surpresa: “Deriva do verbo latino *sentire*, ‘sentir’; daí se fez *sensatus*, ‘aquele que é capaz de sentir’. Lá pelo século 18, a palavra sensação passou a ser usada também com a conotação de ‘trazer espanto ou choque ao grupo ou à comunidade’. Tal espanto pode ser causado também pela extensão das boas qualidades, e o passar do tempo levou essa palavra a ter apenas o atual sentido positivo, elogioso.” **Sensacional | palavras | Origem da palavra.** [s.d.]. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/sensacional/>. Acesso em: 28/07/2023.



Figura 17 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Coleta durante SP-Arte, São Paulo.



Figuras 18 e 19 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Coletas durante passeios a Aix-uma-Provence e a Rio de Janeiro.





Figura 20 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Coleta durante a alimentação, em casa.

Lidando com a problemática da efemeridade dos materiais que mais me interessavam, cheguei a soluções de outras formas de registro. Fotografia, vídeo e escrita sempre me atraíram mais do que utilizar resinas sintéticas para conservá-los. Como nos trabalhos de Tehching Hsieh<sup>17</sup>, mais uma vez, os arquivos são uma forma de guardar um tempo que é impossível de ser guardado, e esse é o belo paradoxo nesses tipos de trabalho. A problemática da coleta seria então como guardar essas sensações e memórias — ou como deixa-las ir também.

*Potes Sensoriais*, uma série mais recente de 2022, parte da coleta literal de materiais naturais e questiona a coleta de experiência das pessoas. O trabalho é exposto como um conjunto de potes de vidro preenchidos de diferentes materiais. Com referência aos *Objetos Sensoriais* de Lygia Clark<sup>18</sup> os *Potes Sensoriais* também atuam como dispositivos psicoterapêuticos. Embora os potes sejam objetos autônomos eles são postos em conjunto, pois sua experiência só é possível através da relação e comparação entre si. Quando expostos, o público é convidado a enfiar a mão no pote e interagir com este material. Enquanto estou presente na exposição, converso com aqueles que participam para lhes perguntar o que sentem com a experiência. “Qual você mais gosta e por quê?” “O que você achou das sensações?”

---

<sup>17</sup> Segundo o próprio curador de *Doing Time*, Adrian Heathfield. VERNISSAGETV. **Tehching Hsieh: Doing Time / Taiwan Pavilion, Venice Art Biennale 2017**. YouTube. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b7p3w-v9nlk>. Acesso em: 09/07/2023.

<sup>18</sup> Os *Objetos Sensoriais* consistem em uma série de objetos criados por Lygia com o intuito de realizar processos terapêuticos com seus clientes. Os objetos ativam os sentidos daquele que está sendo tratado, interagindo com seu corpo através do toque, visão, cheiro etc. As séries se tratam de uma investigação experimental que envolve o receptor e “convocam sua experiência corporal como condição de realização da obra”. Disponível em: Breve descrição dos Objetos Relacionais: Anexo ao ensaio de Suely Rolnik. Núcleo de Estudos da Subjetividade PUC-SP, [s.l.], 2005.

Figura 21 – Joana Amora, *Ipês*, 2022.  
Série *Potes Sensoriais*.  
Pote de vidro & sementes de ipê.  
18cm x 18cm x 14cm.  
Coletado em Miguel Pereira, RJ.



Figura 22 – Joana Amora, *Paina*, 2022.  
Série *Potes Sensoriais*.  
Pote de vidro & algodão de paineira.  
20cm x 20cm x 20cm.  
Coletado em Miguel Pereira, RJ.

Figura 23 – Joana Amora, *Flores*, 2022.  
Série *Potes Sensoriais*.  
Pote de vidro & florezinhas.  
27cm x 27cm x 22cm.  
Coletado em Xerém, Duque de Caxias, RJ.





Figura 24 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Interloquções com visitantes, em atelier aberto, sobre os *Potes Sensoriais*. Laranjeiras, RJ.

Os adjetivos usados para descrever os materiais são, impressionantemente, repetidos com frequência: ‘estruturado’, ‘macio’, ‘surpreendente’. Escutando as respostas dos participantes entendo quais **memórias** esses materiais ativam, assim como quais afetos e necessidades parecem que essas pessoas possuem. A partir dessas informações comecei a refletir sobre os perfis psicológicos e subjetivos que podem ser traçados dessa experiência. Pretendo desenvolver essa pesquisa em futuras exposições e desdobramentos da série. Para além das questões plásticas intrínsecas nesta série, a questão de conservação surgiu como uma problemática prática deste trabalho. Enfim cheguei à conclusão, a partir de conselhos de outros artistas, que o trabalho pode ser realizado e conservado a partir de “protocolos”, nos quais eu dou as instruções de coletas e montagem desses materiais. A partir do protocolo esses materiais podem ser repostos ao longo de sua efemeridade e podem depender da localização e da estação do ano em que o trabalho será exposto.

*“Enfie sua mão no pote. Talvez busque fechar os olhos. Simplesmente sinta. Talvez cheire também. A magia se dá na relação. Os potes dizem mais sobre aqueles que os tocam do que sobre os potes em si. De todas as pessoas que os tocaram, cada uma prefere uma sensação e cada uma tem seu motivo.”<sup>19</sup>*



Figuras 25, 26 e 27 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Experimentação de visitantes com os *Potes Sensoriais*.  
Na exposição: *Um dia a gente viveu junto* no Espaço Xow Rumi, Glória, RJ.

---

<sup>19</sup> Joana Amora, 2022. Portfólio artístico, texto sobre os *Potes Sensoriais*. Disponível em: [amora.studio](http://amora.studio). Acesso em: 01/08/2023.

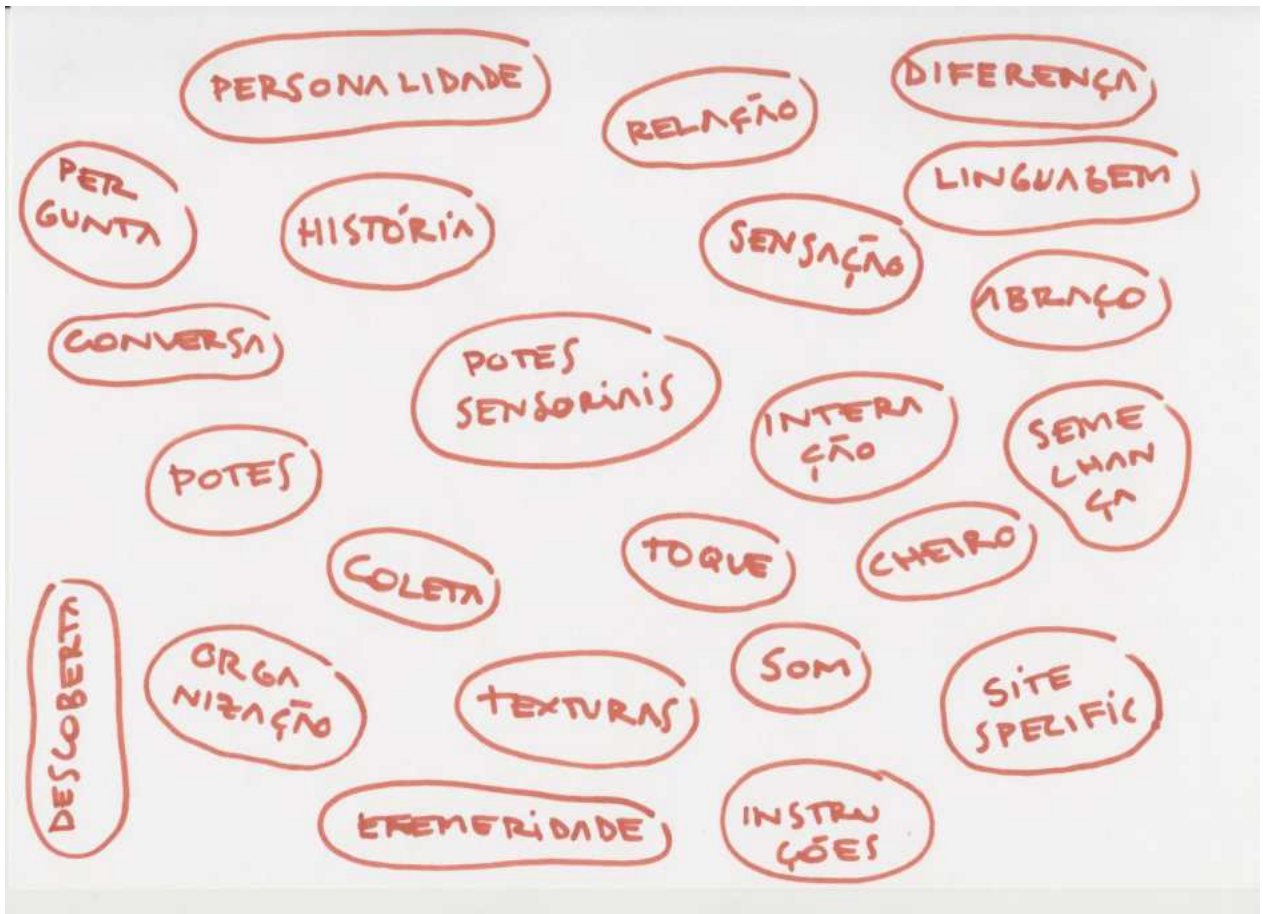


Figura 28 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico. Mapa mental de *Potes Sensoriais*. Durante a *Résidence Ressources* no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França.

Desde 2022, compreendo que minha coleta derivou de materiais que eu — como humana — encontro na Natureza, para materiais encontrados na própria “Natureza humana”. Os trabalhos apresentados na prática “passeio” são alguns exemplos disso. Na série *Só a Ponta do Iceberg*<sup>20</sup> coletei meus materiais humanos para tentar compreender melhor um fenômeno da minha Natureza. A série trabalha com todas as pontas de cigarros de maconha que fumei desde 2020, quando comecei a questionar minha relação com aquele hábito. A coleta foi uma escolha para ver novas perspectivas de um problema que antes eu não tinha consciência. Ao estudar quantitativamente e qualitativamente o fenômeno, pude ressignificar esta relação e finalmente parar o hábito. A série, além de um estudo, se tratou de um ritual pessoal e um processo terapêutico.



Figura 29 – Joana Amora, 2023, Série *Só à ponta do Iceberg*.  
Pontas de baseado dentro de frasco de vidro. 1 x 3 cm cada.

<sup>20</sup> Partindo de um jogo semântico, o título vem da expressão “Só à ponta do *Iceberg*”. Como um *iceberg* é um enorme bloco de gelo do qual vemos apenas uma pequena parte na água, pensamos que ele é muito menor do que é. A expressão teve origem em 1961 nos Estados Unidos, quando a palavra “*iceberg*” assumiu o significado de “problema amplamente oculto”. Do outro lado, no Brasil, o final de um cigarro de maconha é comumente chamado de “ponta”. Assim, o título *Só a ponta do Iceberg* brinca com a ideia de um grande problema oculto e com o hábito de fumar – as pontas de cigarro produzidas pelo hábito.



Figura 30 – Joana Amora, 2023, *Pontinha*. Série *Só à ponta do Iceberg*.





Figura 31 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico. Coleta de pontas no atelier. Laranjeiras, RJ

Jac Leirner é uma artista brasileira que realizou coletas similares. Ao conhecer seu trabalho, em 2019, guardei inspiração para a série *Só à ponta do Iceberg*. Jac é conhecida pelas esculturas e instalações que cria a partir de objetos banais e efêmeros, incluindo cédulas desvalorizadas, envelopes usados, ingressos promocionais, maços de cigarro vazios e sacolas plásticas de compras. Em sua exposição *Junkie*, no White Cube London em 2016, ela usou sua coleção de produtos dos anos em que foi viciada em drogas. “Reunidos ao longo de vários anos, os objetos usados nessas novas obras foram montados e fotografados durante uma bebedeira de cocaína que durou três noites.”<sup>21</sup>(Timeout, 2023)

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.timeout.com/london/art/jac-leirner-junkie>. Acesso em: 04/07/2023.



Figura 32 – Exposição *Junkie* de Jac Leirner, White Cube London, 2016.  
Disponível em: <https://www.artsy.net/show/white-cube-jac-leirner-junkie>. Acesso em 17 jul. 2023.

### 2.3 Organização

*“‘O que é que é isso aqui’ (O canto de um pássaro).  
A gente só vai definir o que é aquilo, quando a gente  
começa a refletir sobre o que estamos descobrindo e  
sentindo: quando a gente começa a organizar.”*

Quando começamos a organizar essa experiência do mundo — esse sentir, esse passeio que fazemos— é quando inventamos ou descobrimos sentidos (significados) para as coisas. Quando vemos tudo isso e começamos a pensar: “Bem, isso aqui parece com aquilo lá. Isso daqui é diferente daquilo lá também.” Aqui, é quando começamos a organizar tudo isso que coletamos: esses afetos, essas experiências, essas memórias, essas ideias, essas relações. Quando começamos a identificar e refletir sobre aquilo — quando passamos a sentir e ver as diferenças e as similaridades daquilo que sentimos — a partir daí surge a linguagem. Só então podemos dizer que uma coisa é uma coisa. E assim, podemos nomear o que existe no mundo.

Por exemplo: essas sementes daqui então na minha caixinha de sementes pontiagudas. Todas elas são o que chamo de “sementes” e de “pontiagudas”. Mas dentro dessas sementes pontiagudas, existe a semente que é azul e existe a semente que é listrada. Bem, quando vejo a diferença, qual é o nome que eu dou para elas? Eu posso inventar um nome ou pesquisar se outras pessoas já deram nomes para elas. Eu posso ver dentro de todas essas opções o que faz sentido para mim e qual será a forma como eu vou chamar as coisas.

É interessante pensar o porquê das escolhas e dos nomes que usamos para as coisas do mundo. Seja o nome de uma planta, seja o nome de um fenômeno ou de um sentimento. É interessante, pois quando pensamos sobre nomes, pensamos sobre como as pessoas organizam as suas experiências, memórias e percepções do mundo. Se entendermos como alguém organiza e nomeia as coisas do mundo, compreendemos melhor qual é o universo daquela pessoa. Observamos quais são as coisas que ela já viveu na vida e quais são as coisas que talvez ela não viveu também. Porque o que uma pessoa viveu ou não explicará a forma como ela pensa e age no mundo. Como disse, nós só podemos organizar as coisas do mundo quando começamos a pensar: “Isso daqui é parecido com aquilo lá, que eu já conheço. Isso daqui é diferente daquilo outro, que eu já conheço”. Mas se eu não conheço algo, aquilo não entra no meu campo de referência. Aquilo não pode servir como reflexão para a minha forma de organizar as coisas.

Assim, de alguma forma, toda organização é uma escolha, consciente ou não, entre as múltiplas e infinitas opções de se ver e de se organizar as coisas. Essa é uma escolha que o nosso corpo faz para poder viver de uma forma que lhe faça sentido. Você, em específico, vê as coisas organizadas de uma forma que não é igual a nenhum outro ser. Ainda, sim, suas escolhas são resultantes das condições possíveis que você viveu e também, a forma que você organiza o mundo partilha semelhanças com outros seres: o ambiente que você vive as pessoas que conheceu, a sua cultura e etc. Dentro disso podemos ser condicionados a olhar o mundo, inclusive, de uma forma que não é a “melhor”

para nós. De todo modo, sempre será a melhor forma que nosso corpo aprendeu a organizar as coisas com as experiências que tivemos até aquele momento. A partir do aprendizado, da reflexão, da vivência de novas experiências, podemos escolher novas formas de nomear as coisas também. Por isso a importância de sempre sair para passear e coletar coisas novas.

Esse processo de organização exige tomar cada vez mais consciência sobre as coisas que nós sentimos no mundo. Trata-se de um equilíbrio dinâmico, ou seja, estamos sempre mudando a forma como organizamos o mundo — e nossas sementes — pois cada vez mais descobrimos que existem coisas diferentes no mundo, ou seja, que existe diversidade. ~



Figura 33 – Joana Amora, 2020. Registro de processo artístico. Durante Residência *Arte & Magia Terra UMA 2020*.

Na arte-jardinagem<sup>22</sup>, a forma como **organizamos** nossa **coleta** define quais realidades vamos cultivar e que trabalhos vamos criar. Um mesmo material coletado pode ser usado diferentemente por duas pessoas distintas. Assim, é dando nomes a coisas que seriam chamadas de outras formas que proponho **divagarmos** sobre outras realidades. Minha prática é muito baseada na linguagem e em jogos semânticos. A comunicação sempre me interessou, pois, sou filha de uma jornalista e minha mãe sempre me ensinou que as palavras que usamos transmitem e querem dizer coisas diferentes — então busquei desde nova entender a etimologia<sup>23</sup> das palavras.

Em *Caminhos da Escultura Moderna* de Rosalind Krauss, a autora evoca diversas vezes os conceitos e origens dos títulos das obras apresentadas, o que exemplifica a importância da significação das palavras para a compreensão de uma obra na Arte Contemporânea. Assim como uma pintura clássica, na verdade, o título de uma obra adiciona camadas de compreensão a sua interpretação. Dessa forma, durante o desenvolvimento da minha pesquisa, dei a precisa atenção a criar situações humorísticas, poéticas e surreais com os títulos que escolho.

Como coloca o autor Mikhaïl Bakhtin: “O artista como que vence a língua graças ao próprio instrumento linguístico e, aperfeiçoando-a linguisticamente, obriga-a a superar a si própria.” (Bakhtin, 1990, p.50)

*Brinquedinhos* é o nome de uma série e obra que criei em 2022. O objeto interativo dispõe de uma série de materiais coletados da Natureza e organizados em uma caixa. Ao chamar aquelas sementes, bulbos e raízes de “brinquedinhos”, convido os participantes a brincarem e imaginarem uma perspectiva na qual aqueles objetos são brinquedos. O trabalho é um pouco engraçado, pois, dependendo da região, cultura ou época da infância de alguém, aqueles materiais da Natureza são, de fato, brinquedos. Entretanto, em uma sociedade industrializada e capitalista, os objetos de brincadeira contemporâneos se assemelham cada vez mais a carros, bonecas, eletrônicos ou produtos que já vem com suas propostas de significados, dando menos espaços às crianças imaginarem e escolherem os nomes e a forma como elas organizam as coisas.

---

<sup>22</sup> Arte-jardinagem se refere ao fazer da artista-jardineira, que aqui apresento como conceito central da pesquisa.

<sup>23</sup> “Pesquisa e estudo da origem, da formação e da evolução de uma palavra de determinada língua.” **Etimologia | Michaelis On-Line**. Michaelis On-Line. [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/como-consultar/etimologia/>. Acesso em: 09/07/2023.



Figura 34 – Joana Amora, *Brinquedinhos*, Série *Brinquedinhos*, 2022. Objeto interativo. Caixa de organização, boca de sapo, orelha de macaco, coroa de abacaxi, raiz, semente, bulbo, cascas de noz & cará-moela (nomes populares das plantas). 29 x 20 x 5 cm.





Figura 35 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico. Mapa mental de *Brinquedinhos*. Durante a *Résidence Ressources* no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França.

Outra série que brinca com a palavra e com a reorganização de coisas do mundo é *Carrapixações*. Carrapixação é um neologismo que inventei para nomear essa espécie de bordado que faço com carrapichos. Carrapichos são plantas com uma tática de propagação micropolítica<sup>24</sup>. Elas afetam os transeuntes com suas ideias e, em seguida, são levadas para semear novos territórios. Assim, esses desenhos são uma espécie de escrituras políticas e expressivas dessas plantas. O que fiz foi apenas observá-las, coletá-las, imitá-las e organizá-las sobre tecidos da minha forma. Ao organizar geometricamente essas sementes no suporte, evidencio o aspecto de desenho e de intencionalidade da composição. Com o título e escolha plástica, ressignifico, portanto também, a interpretação daqueles carrapichos.

<sup>24</sup> Sua forma de propagação não é agressiva, mas sim acredita no poder exponencial de pequenas ações. “Tem-se aqui uma estratégia micropolítica, muito mais sutil e invisível do que a tradicional estratégia macropolítica, o que faz com que seja muito mais difícil decifrá-la e combatê-la.” (Rolnik, S.2023)



Figura 36 – Joana Amora, *Carrapixação*, 2021. Série *Carrapixações*. Carrapichos sobre tecido. 49cm x 20cm. Sítio Santa Fé, Areal, RJ.



Figura 37 – Joana Amora, 2021. Registro de processo artístico.

Encontrando carrapichos na roupa, em viagem à Santos Aleixo, RJ

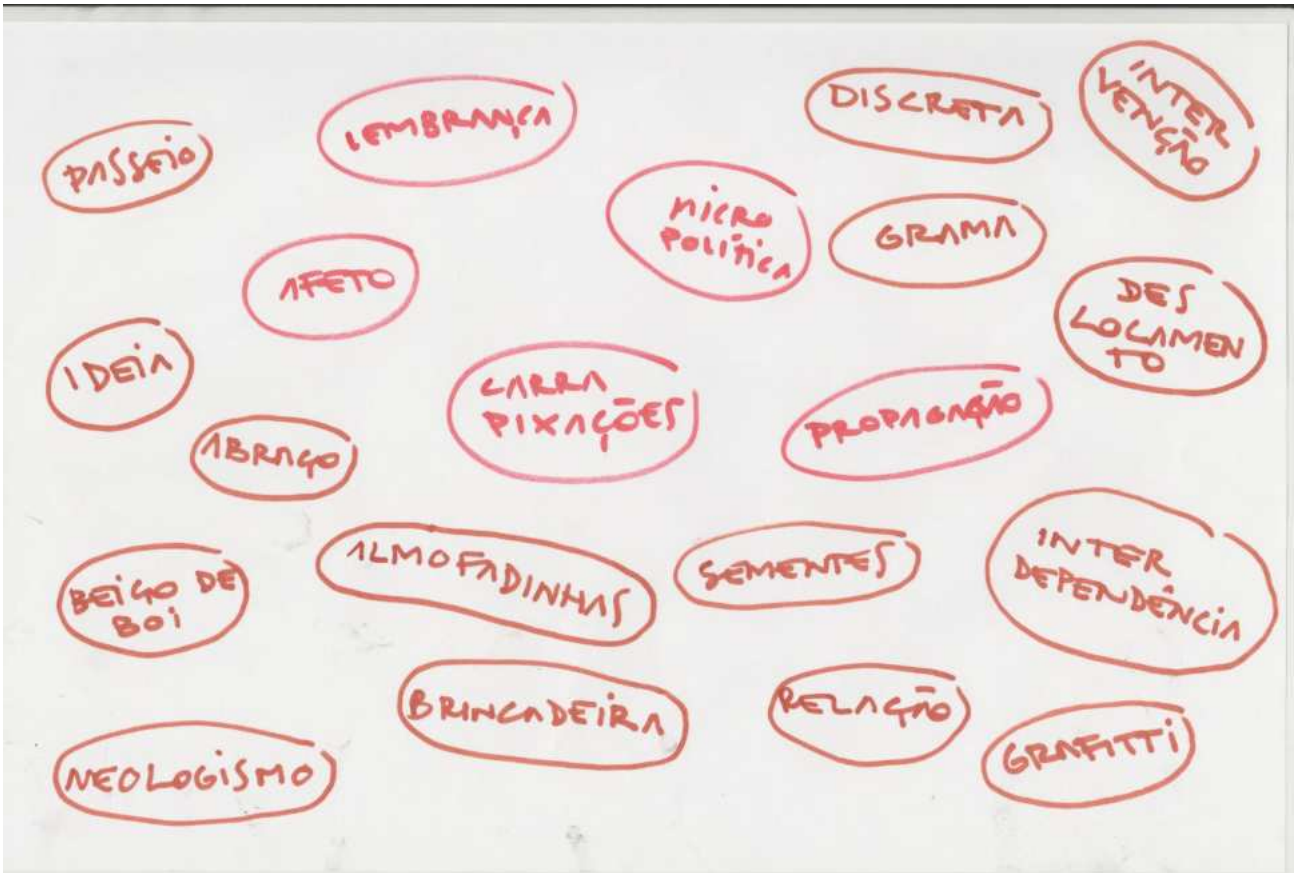


Figura 38 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico. Mapa mental de Carrapixações. Durante a Résidence Ressources no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França

Então “organizar as coisas da vida” é o processo de escolher o significado das coisas. É escolher também onde e quando as colocaremos no mundo. Andy Goldsworthy, artista britânico, por exemplo, é conhecido por suas obras de *Land Art* e esculturas efêmeras em que ele reorganiza a paisagem<sup>25</sup>. Seu trabalho parte de materiais encontrados na Natureza, como pedras, galhos, folhas, gelo e até mesmo neve, com os quais ele compõe em ambientes naturais. Assim como Andy, organizamos para compreender o mundo de uma forma específica, criar um sentido próprio, uma perspectiva do mundo. Por isso a organização está tão ligada às teorias da linguagem.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Andy-Goldsworthy>. Acesso em: 07/07/2023.

Ferdinand de Saussure<sup>26</sup>, teórico da linguística, faz diferenciação entre “Língua” e “Fala”. Isso nos interessa, pois, segundo ele, a língua é uma construção coletiva — um produto social na mente de cada um, ou seja, é uma forma “homogênea” de compreender as coisas em um grupo linguístico-social. Já a fala é um ato individual sujeito ao mundo da pessoa. Assim, pessoas de diferentes idiomas, por exemplo, entendem a passagem do tempo e o mundo a sua volta de diferentes maneiras. Mas também indivíduos, a partir de sua personalidade e história, usam a linguagem para compreender o mundo de formas diferentes, mesmo que falem uma mesma língua. Esse é o caso do processo de criação artística, no qual comunicamos uma perspectiva única através de símbolos comuns.

Compreender que cada percepção da realidade é apenas uma forma de organizar a realidade nos dá autonomia para passarmos pelas possibilidades e nos reinventarmos. Assim, temos capacidade também de sermos menos egocêntricos e aprendermos com os outros, outras formas como cada um organiza a realidade.

---

<sup>26</sup> Ferdinand de Saussure (Suíça, 1857-1913), foi um filósofo linguista que influenciou o campo da linguística como ciência autônoma. Segundo ele, a linguística seria um ramo da ciência dos signos – que veio a ser chamada de “semiologia”.

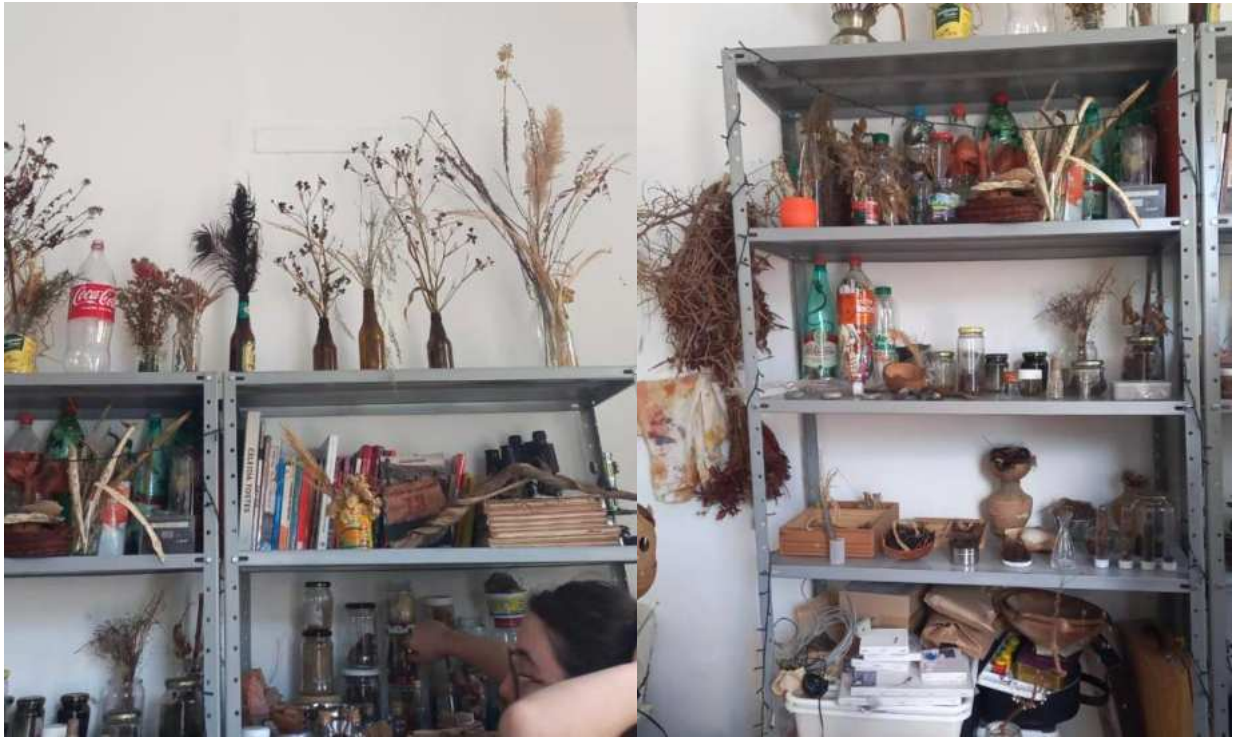


Figuras 39, 40, 41 e 42 – Obras de Andy Goldsworthy<sup>27</sup>. *Rowan Leaves*, 1987. *Snow slab arch second attempt lasted several days melting*, 1956. *Dandelions collected on the way to Bretton laid around a carefully made hole*, 1956. *River Ice Wrapped Around a River Stone*, 1956.

<sup>27</sup>Disponíveis em: <https://robinverdegaal.nl/2015/10/19/andy-goldsworthy/> (Figura 19), <https://www.christies.com/lot/lot-5718695> (Figura 20), <https://www.christies.com/lot/lot-2014359> (Figura 21), <https://www.christies.com/en/lot/lot-6161175> (Figura 22) Acesso em: 04/07/2023.



Figura 43 – Joana Amora, 2021. Registro de processo artístico.  
Varais do atelier em Laranjeiras, RJ. Carrapichos, carrapixações, cianotipias, bouquets e outros materiais.



Figuras 44 e 45 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Séries e coletas em processo de organização no atelier em Laranjeiras, RJ.



Figuras 46 e 47 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Processo de organização do caos do atelier.

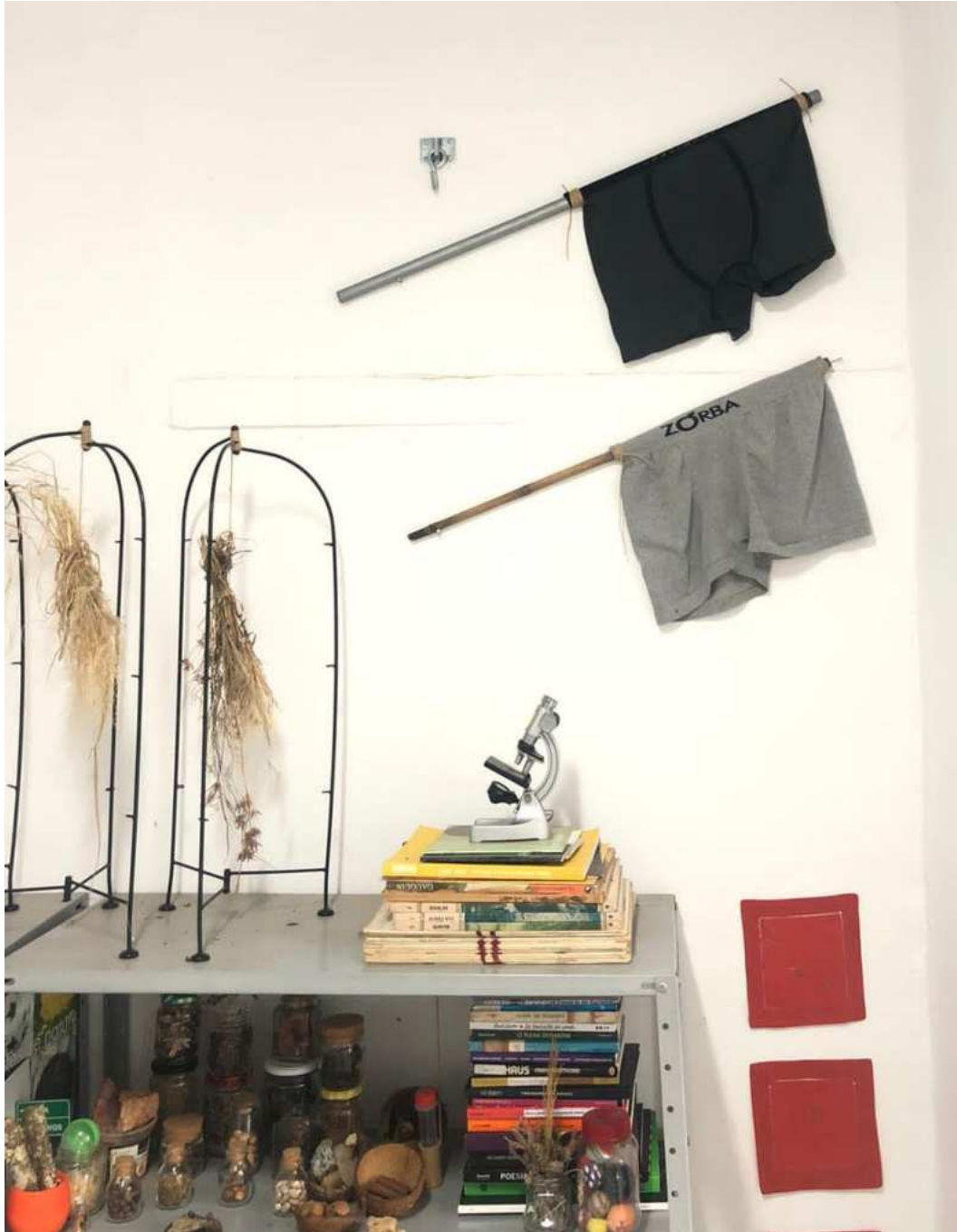


Figura 48 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Atelier organizado.



## 2.4 Diversidade

*“Trata-se de um equilíbrio dinâmico, ou seja, a gente está sempre mudando a forma como organizamos o mundo — e nossas sementes — pois cada vez mais descobrimos que existem coisas diferentes no mundo, ou seja, que existe diversidade.”*

A diversidade, a diferença entre as coisas, é o que nos faz ter sempre novas experiências para coletar. Por isso o passeio é importante, pois quando ficamos o tempo todo no mesmo lugar, não vemos coisas novas, não experienciamos coisas novas, não descobrimos novas formas de ver o mundo, novas palavras para se usar nas coisas que queremos nomear. Assim, ficamos condicionados à nossa percepção do universo, ao nosso pequeno universo. Não temos capacidade de expandi-lo porque não sabemos que existe muito além daquilo.

Nossos universos estão em constante expansão. Existe muito além das nossas percepções individuais de mundo. E entender a diversidade das coisas é partir do pressuposto que existem um milhão de multi-universos, um milhão de formas de ver as coisas diferentes, um milhão de pessoas diferentes e cada uma tem seu papel nesse universo. Partindo do pressuposto que nós não conhecemos a diversidade que existe, nos permitimos estar sempre aprendendo.

Aprendemos a partir dos encontros que fazemos pelos caminhos por onde ainda não passeamos — ou onde já passeamos em um dia diferente e fizemos algo de diferente:

“Nesse dia, o passeio é pelo mesmo lugar que eu sempre passo. Mas eu decidi tocar isso aqui. E aí eu vi que aqui tem uma textura que eu nunca vi na minha vida, que diferencia de tudo que eu já toquei. E isso muda a minha perspectiva do mundo. Agora eu sei que eu posso sentir essa textura:

- Se eu a encontrar, se eu quiser, se eu buscar e se eu plantar essa planta;
- Talvez se eu pegar um pouco e guardar para mim;
- Eu posso também agora perguntar sobre essa textura às pessoas, eu posso falar sobre essa textura com elas, e sobre essa nova experiência que tive.”

E a partir disso, descobrimos que podemos descobrir novas coisas. Descobrimos que, na verdade, aquele lugar que partimos no começo do passeio é só o comecinho, e que tem muita coisa para caminhar.

A diversidade é importante também para entendermos que às vezes as soluções não são aquelas que nós achamos que são, nem que as coisas são do jeito que também achamos que são. Que, na verdade, talvez estejamos batendo a cabeça em um muro, repetindo algo que achamos que é a única forma de se fazer aquilo

porque não vemos como existem diversas escolhas diferentes que podemos fazer e como tem muitas formas diferentes de se olhar para o mundo. Porque cada um tem sua experiência e fez um passeio diferente em sua vida. Cada um coletou coisas diferentes e organizou as coisas de uma forma diferente.

A diversidade entre as pessoas, o fato de sermos diferentes, às vezes pode criar confusões. Criam desencontros se nós não partirmos do pressuposto que as pessoas são diferentes e que não entendemos tudo que se passa na cabeça do outro. Se não partimos do pressuposto que não conhecemos de verdade como é a outra pessoa, porque conhecemos só o nosso mundinho, seremos frustrados ao lidar com essas diferenças no mundo. É por isso que nós precisamos passear — e ver que tem planta que nasce em um lugar, mas não nasce em outro. Assim talvez as coisas facilitem, e saibamos melhor cultivar as coisas.



Figura 49 – Joana Amora, *Pêndulo III*, 2022. Série *Pêndulos*. Estrutura de ferro, sisal & arranjo de gramas coletadas na rua. 50cm x 70cm x 75cm.

Entender como cada coisa é diferente foi para mim, como artista, aprender a prestar atenção na beleza das coisas. Foi aceitar também que nem tudo é do jeito que eu conheço. Uma artista-jardineira entende que cada coisa tem sua autenticidade e sua especificidade. É graças à diversidade, por exemplo, que acabo por acumular infinitas gramas, cada uma minuscilamente diferente. É graças à diversidade que posso entender que se eu criar um trabalho vivo, dependendo do lugar em que ele estiver, ele demandará plantas diferentes ou soluções diferentes. Graças à diversidade também, entendo que haverá pessoas que irão se identificar com meus trabalhos e pessoas que não. Inclusive, é graças a ela que compreendo que minha pesquisa artística pode se manifestar através de diversos meios, formatos e assuntos, e que tudo fará parte do complexo e único universo que sou.

Para canalizar essa beleza das pequenas coisas e ter olhos encantados com tudo o que vejo por aí, criei a série de *Pêndulos*. Os pêndulos são feitos de *bouquets* de gramas e outras plantas que me encantam durante os **passeios**. Eles surgiram a partir do hábito de ver a **diversidade** entre as gramas. Cada uma de um jeito, todas as gramas me chamavam atenção. Normalmente, gramas são plantas negligenciadas, pois as pessoas acham que são todas iguais, mas, na realidade, é uma das famílias botânicas com mais diversidade que existe<sup>28</sup>. “Em uma esquina do seu bairro, o belo está abaixo e o pêndulo marca o local.”<sup>29</sup> As gramas são **coletadas** e **organizadas** em *bouquets*, os quais inverti como gesto de “canalização” da beleza das próprias gramas e da capacidade de prestar atenção na diversidade no mundo.

---

<sup>28</sup> Listagem de espécies da família das gramas: POACEAE (GRAMINEAE). **Lista de las especies por familia - Species List by Family**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.conabio.gob.mx/malezasdemexico/2inicio/paginas/lista-plantas.htm>. Acesso em 29/07/2023.

<sup>29</sup> Joana Amora, 2022. Portfólio artístico, texto sobre os “*Pêndulos*”. Disponível em: [amora.studio](http://amora.studio). Acesso em: 01/08/2023.



Figura 50 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Colocando pênulos de *bouquets* na porta do atelier em Laranjeiras, RJ.



Figura 51 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Porta do atelier em Laranjeiras, RJ.



Figura 52 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Secagem e pesquisa de *bouquets* na sala de estar da casa.



Sallisa Rosa é uma artista visual indígena goiana e começou sua trajetória em 2017. Tendo crescido em centros urbanos, seu trabalho parte da experiência de habitar “dois universos”: o indígena e o urbano. Assim, Sallisa satiriza a diferença e estereótipos entre essas duas culturas questionando o que é identidade. Em sua série *Identidade é Ficção* (2019), ela ironiza os estereótipos sobre os indígenas e evidencia exatamente a questão da diversidade, nos mostrando que não conhecemos seu universo.



Figura 53– Sallisa Rosa, 2019- . Série Identidade é ficção.  
Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/231/sallisa-rosa>. Acesso em: 04 jul. 2023.

Assim, a diversidade prevê que mesmo que haja similaridade entre nós, somos diferentes de todos. Compreendendo que existem diversos seres e soluções específicas para cada contexto, podemos também descobrir qual é o(s) melhor(es) para aquele caso específico. O universo só funciona graças à articulação dessas diversas partes, pois cada uma delas tem sua importância e papel. Da mesma forma funcionam as bombas de sementes.

As bombas de sementes são uma ferramenta de eco guerrilha urbana e atuam a partir da seleção natural e da diversidade. Em 2018, quando iniciei minha participação no Grupo Arte: Ecologias da UFRJ como pesquisadora PIBIAC fui convidada a oferecer uma oficina de esculturas-bombas-de-sementes em um de nossos eventos. A técnica consiste em lançar uma bomba de terra unindo diversas sementes em terrenos baldios ou grandes áreas para regenerá-las. Conheci essa técnica participando do movimento agroecológico, e ela prevê que nem todas as sementes irão nascer, mas que nascerão todas as que têm capacidade de crescer naquele local.

Ao longo de uma série de oficinas de bombas de sementes oferecidas através do GAE, em eventos GAExpande, no contexto da JICTAC<sup>30</sup> ou a convite de instituições como Goethe Institut e Museu do Pontal, a técnica passou a integrar minha produção pessoal artística.

Dois anos depois, na oportunidade da residência artística *Arte e Magia*, que participei na Ecovila Terra UNA, desenvolvi dois trabalhos que se apropriaram desse recurso. *Vasos de plantar* foram alguns vasos de argila compostos de sementes. Eles propõem que plantemos diretamente no chão ao invés de vasos. Já *Bombas de desejos* foi meu ritual pessoal proposto para o curso Artista Mago, oferecido por Nadam Guerra durante a residência. No ritual, propus que cada pessoa da ecovila pegasse uma bomba para si, contasse a ela sobre alguma decisão difícil que estivesse tendo que tomar naquele momento e então jogasse ao longe confiando a ela que cresceria aquilo que fizesse mais sentido.

---

<sup>30</sup> XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural em 2020. Oficina: *Práticas artísticas agroecológicas: Compostando nosso pensamento*.



Figura 54 – Joana Amora, *Vaso de Plantar*, 2020. Terra UNA.



Figura 55 – Joana Amora, 2020. Bombas de sementes e vasos de plantar realizados com as crianças da Ecovila Terra UNA, como atividade proposta no educativo. Residência *Arte e Magia* - Terra UNA 2020.



Figuras 56 e 57 – Joana Amora, 2020.  
Ritual *Bombas de Desejos*.  
Residência *Arte e Magia* - Terra UNA 2020,  
Terra UNA Ecovila.



Figuras 58 e 59 – *EXPERIÊNCIA SENSORIAL: Agente Húmus* por Mari Fraga e Grupo GAE Arte: Ecologias (EBA-UFRJ) a convite de Goethe Institut. 2021. Participação de Joana Amora, Paula Scamparini, Carine Caz, Lohana Montelo, Clarisse Rates e Uri Nonnato. Atividade de extensão GeoAstro-poéticas no evento *Laboratórios do Sensível: Intervenções Artísticas no Ecofeminismo*

Vandana Shiva em *Monoculturas da Mente* nos explica como a diversidade é alvo de ataques pelo sistema dominante capitalista. Neste sistema, a percepção do que tem valor e utilidade é determinada pelo mercado. Assim, em uma floresta tropical natural, por exemplo, sua rica diversidade em espécies de árvores é vista como “caos”, considerando que apenas algumas espécies são “comercializáveis”. Este “paradigma florestal reducionista” (Shiva, 2003, p.36) desconsidera a produtividade global de matéria da floresta e considera tudo que não contribui para o lucro como “ervas-daninhas”.

O que Shiva chama de o “caráter descartável da diversidade”, pode ser aplicado para todas as camadas de relação da sociedade, para além das florestas. Partindo do pressuposto que tudo aquilo que não nos é individualmente produtivo não faz sentido, enxergamos as relações de um ecossistema como algo sem valor e que deve ser eliminado. Assim, como também diz a autora, aquilo que é útil em “nível local” é diminuído por nossos “sistemas de saber dominantes”. Aquilo que é diferente do que conhecemos e consideramos “lixo” pode, entretanto, ser rica em “biomassa”, “água” e “nutrientes”, e pode satisfazer necessidades que nem imaginamos para determinada situação. Assim: “Relacionado com a destruição da diversidade como algo sem valor temos a inevitabilidade da monocultura como único sistema ‘produtivo’ e de ‘rendimento elevado’” (Shiva, 2003, p.42)



Figura 60 – Joana Amora, 2020. Registro de processo artístico. Coleção de sementes, na Residência *Arte e Magia* na Ecovila Terra UNA.



## 2.5 Cultivo

*“É por isso que a gente precisa passear – e ver que tem planta que nasce em um lugar, mas não nasce em outro. Assim talvez as coisas facilitem, e saibamos melhor cultivar as coisas.”*

Cultivar é quando algum elemento dessa diversidade tem as condições que lhe acolhem para crescer. É um jogo entre o que é possível e a minha interferência no mundo.

Nós saímos para passear: começamos a sentir; começamos a organizar isso que sentimos; entendemos mais o mundo; aí fazemos um Piquenique, nele encontramos outras pessoas diferentes de nós; então temos capacidade de escolher. "Bem, isso daqui no universo dessa pessoa é legal, faz sentido para mim. Isso tá aqui nascendo neste mundo e eu acho que eu posso ajudar a crescer mais disso". Isso é cultura. Tendemos a pensar que o cultivo é uma coisa humana, mas, na verdade, é uma ação essencialmente da Natureza e apenas a aprendemos. Cultivar é existir condições para que algo cresça, sejam criadas por nós, sejam dadas pela Natureza. A vida está cultivando o que existe o tempo todo. Se fosse outro lugar, outro momento, de outro jeito, outras coisas cresceriam.

Digamos que você construa uma casa de um jeito que toda vez que chove a canaleta do seu telhado goteja água sempre no mesmo lugar. Porque aquele ambiente é úmido, em algum momento começa a nascer musgo ali. Então, você interferiu na realidade, criando condições que unidas às existentes cultivam algo que nem era sua intenção.

No fim das contas, estamos indiretamente cultivando coisas no mundo o tempo todo com nossas ações, mesmo que tudo que queremos é ter o poder de cultivo máximo da Natureza, ou seja, a capacidade de escolher o que cresce. Entretanto, às vezes não nos damos conta que ali é a situação perfeita para nascer outra coisa ao invés daquela que queremos, e que se não tivermos humildade e carinho para aprender a cuidar, nos frustramos tentando encontrar soluções para problemas que nós mesmos criamos. ~

*“Cultivar é então prestar atenção mais uma vez.*

*Entender como funcionam as coisas*

*& então entender o que é a melhor coisa possível que eu posso fazer para interferir no universo que eu vivo.”*



Figura 61 – Joana Amora, registro de vivência agroecológica no sítio Santa Fé, 2021. Foto: Bárbara Sueiro.

A artista-jardineira é aquela que entende que tem muito a aprender. Ela sabe que como faz parte da Natureza e é Natureza, tem o poder mágico de criação dela. Ela sabe também que esse poder só funciona se ela usar com sabedoria as dinâmicas que acontecem no mundo, e que estão fora de seu controle. Sabe também que cultivar é uma mistura entre intenção, fé e desapego.

Sendo artista-jardineira, busco entender como posso cultivar a realidade e utilizo os processos artísticos como experimentos alquímicos<sup>31</sup> para me tornar cada vez mais sábia. O interessante no meu processo é que aprender a cultivar nos ensina a lidar com o incontrolável e com o controlável da vida. Assim, me interessei ao longo do tempo em cultivar os mais diversos materiais. Seja o meu primeiro Jardim, sejam outras trepadeiras, sejam as gramas ou carrapichos que tentei cultivar para ter minha própria produção de material, sejam experimentações de bioplástico feitos a partir do kombucha<sup>32</sup>, seja o cultivo de cogumelos sagrados, até chegar aos cultivos simbólicos de relações, de imaginários e do meu próprio eu. Cultivar é o objetivo da minha prática, deste manual e da minha vida.



Figura 62 – Joana Amora, 2021, processo artístico. Cultivo de kombucha em forma retangular, para produção de bioplástico de kombucha. Feito e colorido a partir de chá de Hibisco.

<sup>31</sup> A alquimia foi uma “química da Idade Média que procurava descobrir a pedra filosofal, que transformaria metais comuns em ouro, e a panaceia universal, remédio que curaria todos os males físicos e morais.” Os alquimistas trabalham com a transformação de materiais, assim como o estudo das dinâmicas do universo físico e transcendental. **Alquimia | Michaelis On-Line.**

<sup>32</sup> “O Kombucha é uma bebida fermentada feita a partir de chás, como o chá preto ou chá verde, adoçados, contendo uma cultura de leveduras e bactérias, conhecidas como SCOBY.” (Zanin, 2022) O Scoby quando seco e tratado pode ser utilizado como um plástico impermeável de origem biológica.



Figura 63 – Joana Amora, 2021, processo artístico. Bioplástico de Kombucha.



Figura 64 –  
Joana  
Amora,  
2020.  
Registro de  
processo  
artístico.  
Cultivo de  
Cogumelos  
Sagrados e  
produção de  
*Monotipias  
de Esporos*.  
Espécie  
*Psilocybe  
cubensis*.



Figura 65 –  
Joana  
Amora,  
2020.  
Detalhes de  
carimbos de  
esporos dos  
cogumelos  
sagrados.



Figura 66 – Joana Amora, 2020, *Monotipia*. Série *Monotipias de Esporos*. Esporos de cogumelos *Psilocybe cubensis* sobre papel alumínio. 20 x 20 cm.

Observando em retrospectiva, minha prática sempre teve um caráter científico-lúdico e, no começo, me interessava cultivar tudo que eu pudesse. Quando entrei na Escola de Belas Artes da UFRJ eu realizava pinturas e logo passei a me interessar pela abstração. Minha poética se baseava no “processo”. Sempre me interessei em aprender sobre o que acontecia no espaço e no tempo, e desde essa época, minha prática tem sido uma mistura entre o que é possível controlar, e o incontrolável que surgia a partir do controle. Essa pesquisa foi registrada em meu caderno da época para o curso de Pintura. Nesse caminho, eu cursei um ano de Bacharelado em Física, e posteriormente decidi migrar do curso de Pintura para o curso Artes Visuais - Escultura, pois compreendi que na arte contemporânea poderia continuar desenvolvendo pesquisas relacionadas às ciências.



Figura 67 e 68 – Joana Amora, 2018. Registro de processo artístico. Caderno de pesquisa do curso de Pintura. Pesquisa em pintura abstrata com a poética “Processo”. Disciplina de Criação Pictórica II.



Antes mesmo do *Jardim I*, no início do curso de Pintura, me interessei pela técnica de cianotipia. A cianotipia é um processo de impressão fotográfica alternativa descoberta no século XIX. Ela consiste em tornarmos um papel em fotossensível a partir de uma mistura de químicos (citrato férrico de amônio III e ferrocianeto de potássio), e então o expormos a raios UV com algum tipo de negativo fotográfico. A imagem que se cria depende da forma que você coloca sobre a superfície do papel, das camadas de químico com as quais o emulsiona, como uma pintura, assim como todas as variáveis do sol, como intensidade, ângulo, tempo de exposição, etc. Trata-se de uma técnica que trabalha, portanto, com o incontrolável, já que é uma imagem que se forma no tempo, com um processo dependente das dinâmicas da Natureza. Eu sempre chamei as cianotipias de pinturas vivas e eu diria que elas foram meus primeiros cultivos artísticos.



Figura 69 – Joana Amora, 2021. Registro de processo artístico. Produção de cianotipia. Rio de Janeiro, RJ.



Figura 70 – Joana Amora, 2021. Registro de processo artístico. Produção de cianotipia na pracinha. Rio de Janeiro, RJ.



Figura 71 e 72 – Joana Amora, 2021. Registro de processo artístico. Produção de cianotipia na pracinha. Rio de Janeiro, RJ.



Figura 73 – Joana Amora, *Terra UNA*, 2020. Série *Cianotipias*. Cianotipia sobre canson. 42 x 29,7 cm.  
Produzido durante Residência *Arte & Magia Terra UNA* 2020.

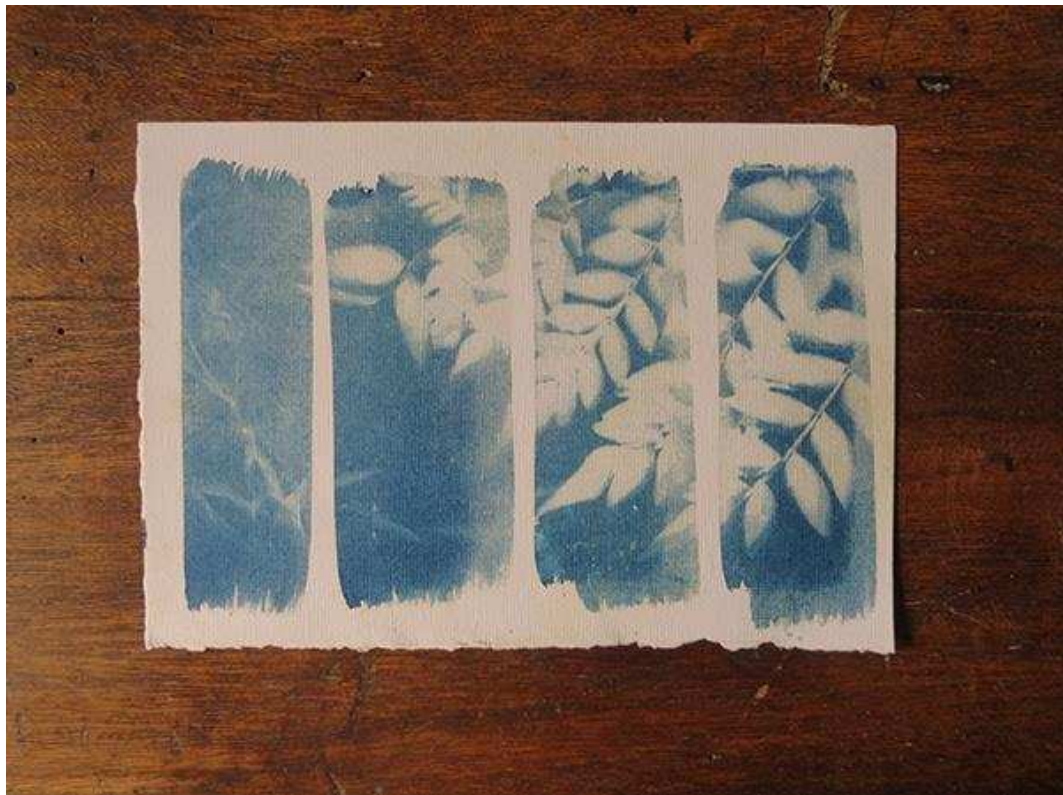


Figura 74 – Joana Amora, *Terra UNA*, 2020. Série *Cianotipias*. Cianotipia sobre canson. 21 x 14,8 cm.  
Produzido durante Residência *Arte & Magia Terra UNA* 2020.

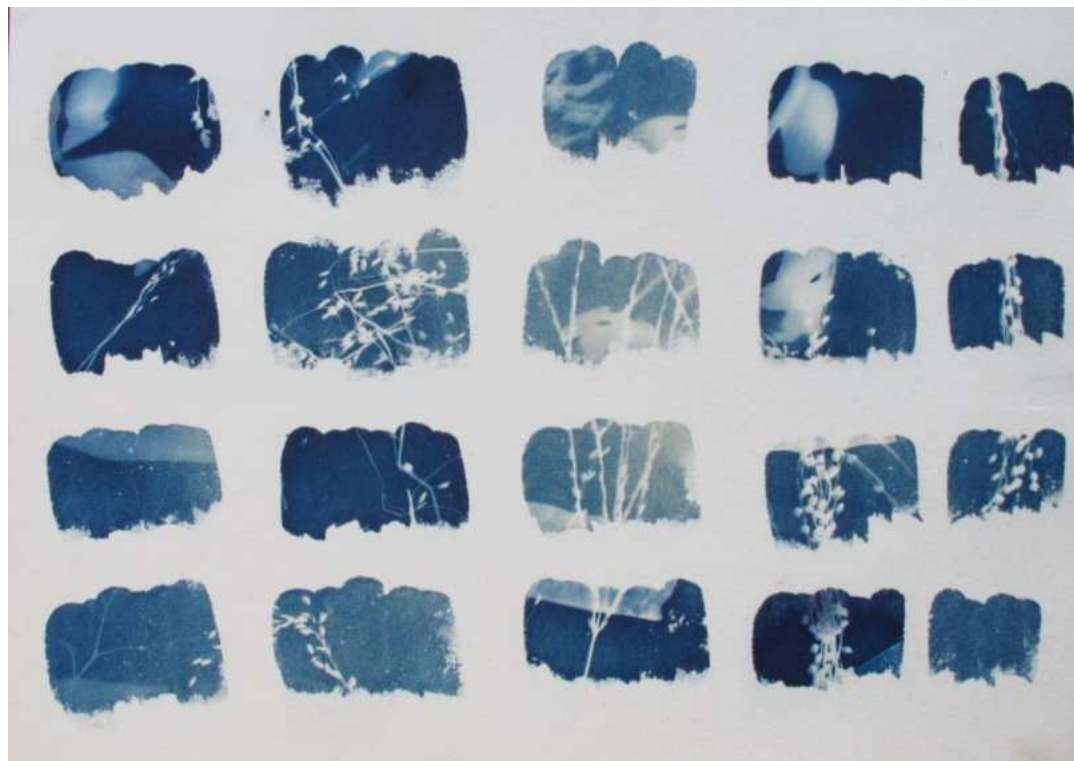


Figura 75 – Joana Amora, *Sem-título*, 2021. Série *Cianotipias*. Cianotipia sobre cansón. 29,7 x 21 cm.

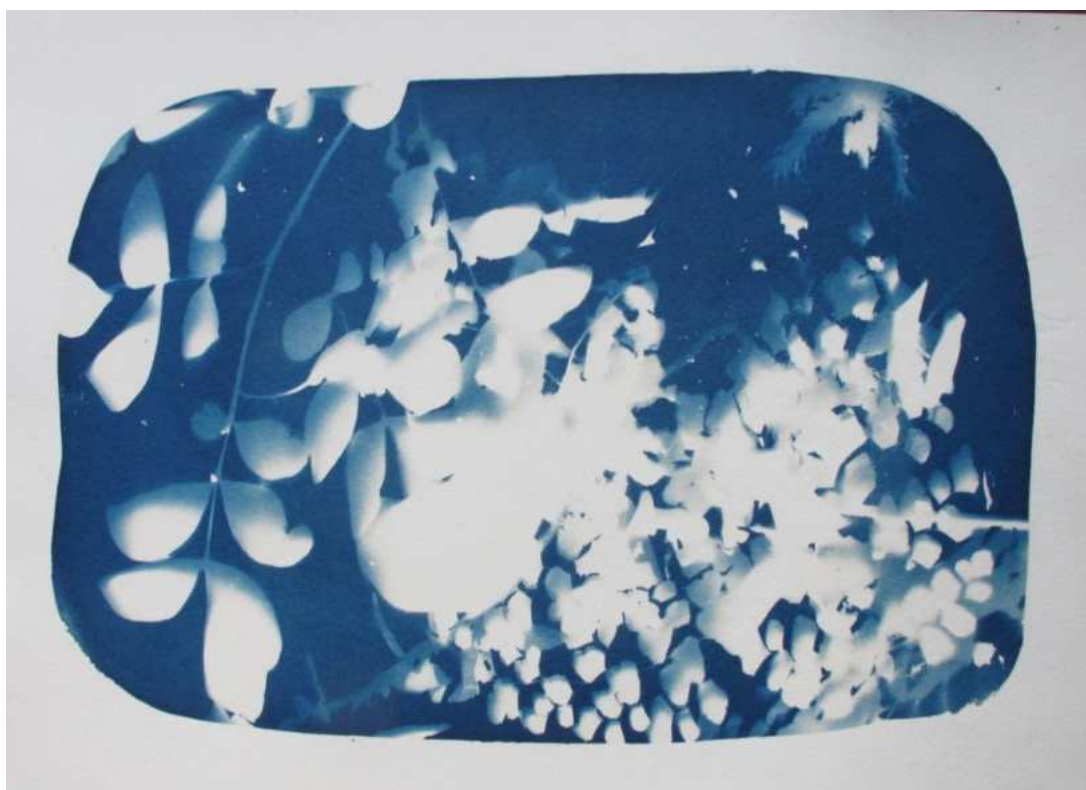


Figura 76 – Joana Amora, *Sem-título*, 2021. Série *Cianotipias*. Cianotipia sobre cansón. 42 x 29,7 cm.

Depois do meu primeiro Jardim a pesquisa com plantas se expandiu para a série de “trepantes”. *Trepantes* busca investigar as plantas como material pictórico/escultórico. Interessei-me novamente por pinturas que poderiam ser cultivadas, e vi nas trepadeiras uma possibilidade de criar imagens vivas, que se transformam no tempo e que são interferidas pelos ecossistemas em que elas habitam. *Trepantes* começou com o trabalho *Maracujá sobre Grade* e, assim como o meu jardim, esse trabalho teve uma duração expandida no tempo. *Maracujá sobre Grade* foi plantado sorrateiramente em 2019, sem permissão, quando o prédio em que vivo colocou a grade em sua fachada, limitando território e se separando do mundo. Ele foi então uma pintura viva no tempo e no espaço, com cheiro, sabor e movimento, que viveu por 3 anos até ser cortado pelo jardineiro do prédio.

Ao longo de sua vida, foi interessante observar a forma como todos os elementos da Natureza interferiram no seu crescimento. Diversas vezes a planta foi inteiramente comida por uma sociedade de lagartas que posteriormente se transformaram em borboletas laranja. Além da interferência de insetos, a planta dependia das condições climáticas, como sol e chuva, e também era afetada pelos humanos que habitavam ou passavam pelo seu ecossistema. Ao longo dos três anos a planta deu mais de 30 maracujás, todos colhidos ainda verdes pelas pessoas que passavam por seu caminho. Durante o experimento eco antropológico conversei diversas vezes com os moradores e trabalhadores do prédio, assim como os vizinhos e o segurança da rua. Durante sua existência o maracujá fez parte da vida dessas pessoas, produzindo — além de frutos — afetos e memórias.

Assim, *Maracujá sobre Grade* muito além de apenas uma pintura viva, se tratou de uma história. Este trabalho expressa novamente a ideia de “paisagem” de Anne Cauquelin, sendo literalmente uma realidade enquadrada que se passa frente aos nossos olhos. *Maracujá sobre Grade* após ser morto, passa a existir apenas em forma de registros fotográficos que guardam as etapas de sua vida. Através das fotografias podemos ver o maracujá crescendo, dando frutos, sendo inteiramente comido pelas lagartas e crescendo novamente ao longo do tempo. Quase uma novela.



Figuras 77, 78 e 79 – Joana Amora, 2019-2022, *Maracujá sobre Grade*. Série *Trepantes*.  
Maracujá sobre grade e tempo. Adimensional. Jardim Botânico, Rio de Janeiro.



Figura 80 – Joana Amora, 2020. Detalhe de *Maracujá sobre Grade*.

Após *Maracujá sobre Grade*, realizei uma série de pinturas vivas que experimentaram a mesma ideia. *Geométrico I* foi à única que vingou até o momento e este trabalho brinca com a dialética da organicidade da pintura feita com a trepadeira e as formas geométricas minimalistas realizadas com os fios onde a planta irá crescer.



Figura 81 – Joana Amora, *Geométrico I*, 2022. Série *Trepantes*.  
Moldura de madeira encontrada, bromélia, barbante, parafusos & beralha. 45 x 90 cm.  
Exposição *Infestação/Enfestação* no Espaço Z42 Arte, organizada pelo coletivo Fábrica de Ratoeiras,  
com orientação Cadu e Arthur Chaves. Rio de Janeiro, RJ.





Figura 82 e 83 – Joana Amora, 2022. Registro de processo artístico.  
Montagem da exposição *Infestação/Enfestação*. Processo de adaptação da planta ao transplante e deslocamento.

O minimalismo foi um movimento surgido nos Estados Unidos nos anos de 1960 que previa a ideia de pureza em trabalhos artísticos no qual sua execução não poderia demonstrar a marca humana e subjetiva por trás do trabalho.<sup>33</sup> Estas obras buscavam a transcendência do mundo material, por isso abominavam qualquer tipo de estética orgânica. *Geométrico I* se torna então uma resposta pós-moderna a essas ideias e pode ser considerado também como uma imagem de como as plantas podem reconstruir a estética do mundo criada pelo ser humano – como a ideia de prédios retos tomados pela Natureza em um mundo pós-humano. Como resultado da participação da obra na exposição *Infestação/Enfestação* organizada pelo coletivo Fábrica de Ratoeiras no espaço de arte Z42 no Rio de Janeiro, produzi o vídeo *The Future of Art*. A ideia do vídeo parte de interesses atuais da minha pesquisa em torno de um imaginário *sci-fi* de descobrimento de novos planetas e se baseia também nas tendências contemporâneas da arte, onde vemos cada vez mais artistas trabalhando com plantas e organismos vivos.

<sup>33</sup> Rebentisch, J. (2008). *Sept négations*. *Multitudes*, 35(4), 112. <https://doi.org/10.3917/mult.035.0112>



Figura 84 – Joana Amora, *The Future of Art*, 2022.

Vídeo completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OhgebkME4nw>. Acesso em: 9 jul. 2023.

Após trabalhar com processos de cultivo como as cianotípias e as plantas, ao longo do tempo o meu trabalho foi se direcionando cada vez mais para a Natureza humana. Embora sempre tivesse me interessado pela coleta de materiais humanos na minha vida cotidiana, ou até mesmo encontrados na rua, de certa forma reprimia tais pesquisas artísticas, pois acreditava que como me interessava pelo “cultivo” só poderia trabalhar com materiais naturais. Foi ao longo do último ano — e principalmente quando realizei meu intercâmbio na França — que finalmente aceitei que, exatamente por considerar que seres humanos fazem parte da Natureza, esta minha prática não se exclui do resto da minha pesquisa. Então, atualmente me interesso principalmente por aquilo que é produto resultante da própria vida humana e suas relações. Considero que além de serem materiais cultivados pelo humano, os trabalhos também cultivam realidades lúdicas — ou surreais — e convidam o público a passear pelos limites simbólicos daquilo que chamamos de real e de imaginário.

Figura 85 – Joana Amora,  
*Bandeira III*, 2023.  
 Série *Conquista*.  
 Cueca de Amor de Viagem,  
 barra de cortina & sisal.  
 90cm x 50cm x 3cm.



Figura 86 – Joana Amora,  
*Bandeira I*, 2022.  
 Série *Conquista*.  
 Cueca de Ex, bambu  
 & sisal. 90cm x 50cm x  
 3cm.  
 Joana Amora,  
*Bandeira II*, 2022.  
 Série *Conquista*.  
 Cueca de Ex, cano de  
 alumínio & sisal.  
 110cm x 45cm x 4.5cm.



“Identificamos nossa cultura pelos territórios em que vivemos. Pela forma como conquistamos ou somos conquistados por eles.”<sup>34</sup>



Figura 87 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico. Mapa mental de *Conquista*. Durante a *Résidence Ressources* no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França.

<sup>34</sup> Joana Amora, 2022. Portfólio artístico, texto sobre a série “Conquista”. Disponível em: [amora.studio](http://amora.studio). Acesso em: 01/08/2023.



Figura 88 – Joana Amora, *Ninhão*, 2022.  
Série *Niños*.  
Cumbuca de sapucaia, cabelo da artista, galho de eucalipto & flor seca de alpínia.  
18 x 18 x 24 cm.



Figura 89 – Joana Amora, *Ninho*, 2022.  
Série *Niños*.  
Casca de coco seco, cabelo da artista, fruto de buriti, flor de tango & poeira.  
18 x 18 x 24 cm.



Figura 90 – Joana Amora, *Nid* (Ninho), 2023. Série *Niños*. Intervenção efêmera. Palha seca. 15 x 15 x 7 cm.  
Ritual de despedida de minha casa à Aix-en-Provence, França.



Figura 91 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico. Mapa mental de *Niños*. Durante a *Résidence Ressources* no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França.

### 2.5.1 Meu cultivo

*“Dedico este manual a ele, que partilha comigo a missão de aprender a viver melhor.*

*Dedico este manual também a minha mãe, que me ensinou a meditar e a conversar sobre tudo com todos.*

*Dedico por fim a minha avó, que me ensinou a plantar maracujá quando eu tinha 9 anos de idade”.*

*D*esde pequena fui ensinada pelo meu pai a questionar a realidade e agir para transformá-la.

Ele foi militante na época da ditadura, então fez questão de me passar todos os seus valores enquanto eu ainda era jovem. Ao mesmo tempo que muito pragmática e engajada socialmente, minha infância foi preenchida de uma mistura de histórias reais e até pesadas, junto a histórias fantásticas da minha vida cotidiana. O portão da vila abria quando eu falava “abre-te-sésamo”, o castelinho do flamengo perto de nossa casa abrigava um gigante e eu tinha nascido dentro da fonte, em frente à perinatal de Laranjeiras. Acreditei em tudo isso, ao mesmo tempo que aprendi que meu pai teve companheiros de guerrilha mortos em frente à ele, que ele tinha barba e codinomes para não ser encontrado, que ele foi preso em campo de concentração e exilado, e que ele nunca me ousou contar se foi torturado. Acho que misturar a realidade e a imaginação foi sua forma de superar tudo aquilo que ele passou e de criar sua filha a partir do que aprendeu dessa experiência. Por isso comecei querendo cultivar um mundo melhor, coletivamente. Depois entendi que precisamos cuidar melhor dos nossos pequenos universos também.



### 3 ATÉ LOGO E OBRIGADA PELOS PEIXES

Viajando pelo mundo, sofri transformações como pessoa e artista da forma mais intensa que vivi. Desde que fui morar em outro país compreendi mais profundamente meu trabalho, quem eu sou e o que desejo produzir. Precisei me distanciar para olhar com novas perspectivas aquilo que já fazia. *Chez la magicienne* 🌐<sup>35</sup> poderia sintetizar essa experiência.

Essa instalação foi criada para uma exposição no prédio do mestrado de artes plásticas da Aix Marseille Université, em Marselha na França, para o curso de exposição. A barraca convidava quem quisesse a entrar e conhecer o mundo que surgiu na colisão entre mim e este novo “planeta” chamado França. O trabalho é duplamente simbólico pois representa essa minha viagem e descoberta, e além disso se tratou de uma revisitação a uma antiga instalação, *A Casa da Maga*, que fiz em 2020 (como resultado de minha primeira residência artística).

---

<sup>35</sup> Em português, *Na casa da maga* 🌐



Figura 92 – Joana Amora, *A Casa da Maga*, 2020. Barraca-ateliê-instalação. Sementes, terrários, arranjos, pêndulos, livros, vasos, fosséis, barraca e tempo. Adimensional. Produzida na residência artística *Arte e Magia*, Terra UNA, MG. Exposição *Conjunção* no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, RJ. Curadoria Nadam Guerra e Keyna Eleison. Foto: Pedro Urano.



Figura 93 e 94 – Joana Amora, 2020.  
Piquenique de ativação de *A Casa da Maga* na vernissage da exposição.  
Fotos: Pedro Urano.

*Chez la magicienne* 🌍, é um trabalho que, de certo modo, resume as minhas práticas e por isso dedico a ele mais espaço para suas imagens neste texto. Esta instalação dispõe minhas coletas, cria um espaço imersivo e íntimo, apresenta diversos detalhes e convida o público a descobri-lo. Diversos elementos desta instalação são outros trabalhos em si, assim, ela cria uma constelação da minha produção recente, de um lugar que venho habitando. Este trabalho só existe na relação com aqueles que o visitam e sem ela este “mundo” não pode ser descoberto.



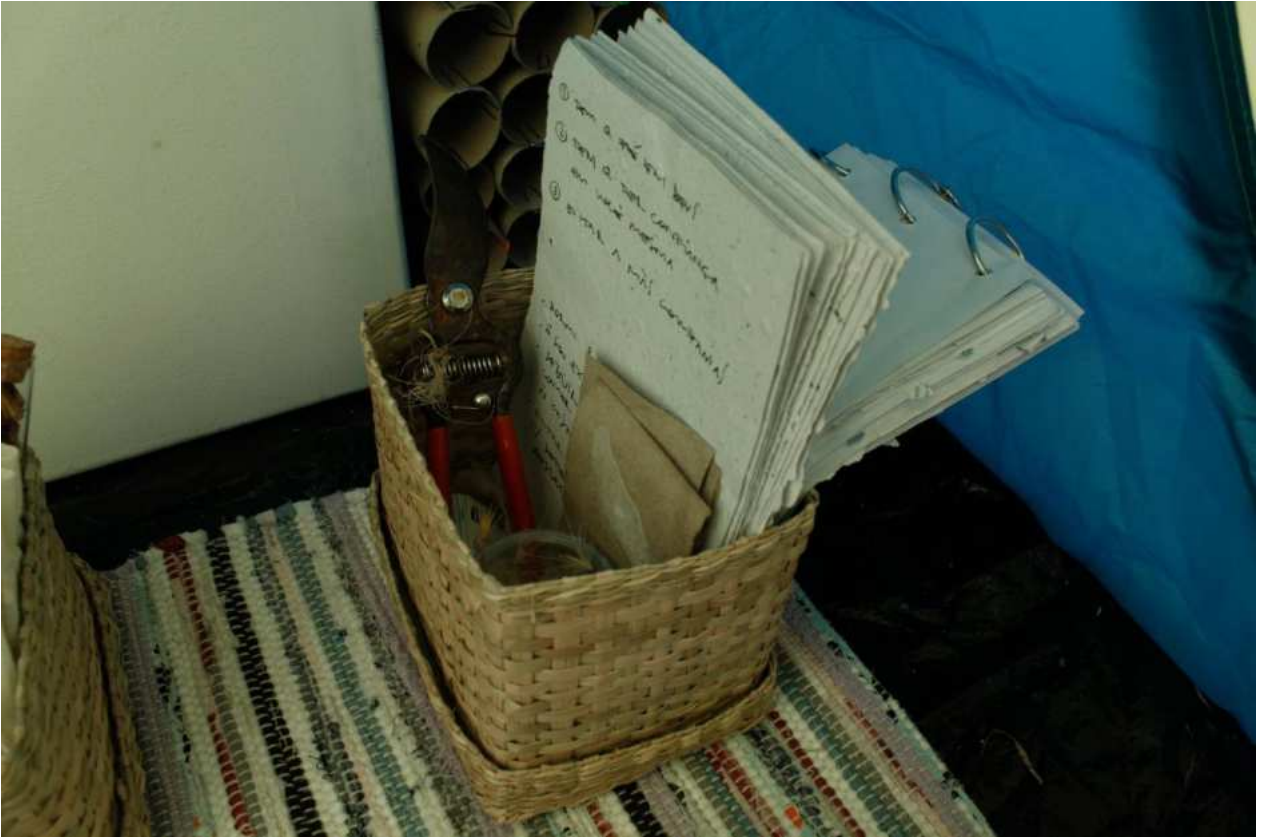
Figura 95 – Joana Amora, *Chez la Magicienne* 🌍, 2023. Instalação interativa. Tenda, buquês coletados na Provence, almofadas, tapetes, cestas, cabelos, livros de artistas, bitucas de cigarro, garrafas, sal, bengalas, caixas, estátuas encontradas, amuletos do Brasil, chapéus, toalhas de praia, sisal, experimentos e tempo. 130 cm x 230 cm x 100 cm Exposition *RÈVERB*. Bâtiment Turbulence, Site Saint Charles, Aix-Marseille Université.



Figura 96 – Joana Amora, *Chez la Magicienne* 🌐, 2023.



Figura 97 e 98 – Joana Amora, *Chez la Magicienne* 🌐, 2023.











Figuras 99 a 106 – Joana Amora, detalhes de *Chez la Magicienne* ©, 2023.



Figuras 107 a 111 – Joana Amora, interações de *Chez la Magicienne* □, 2023.



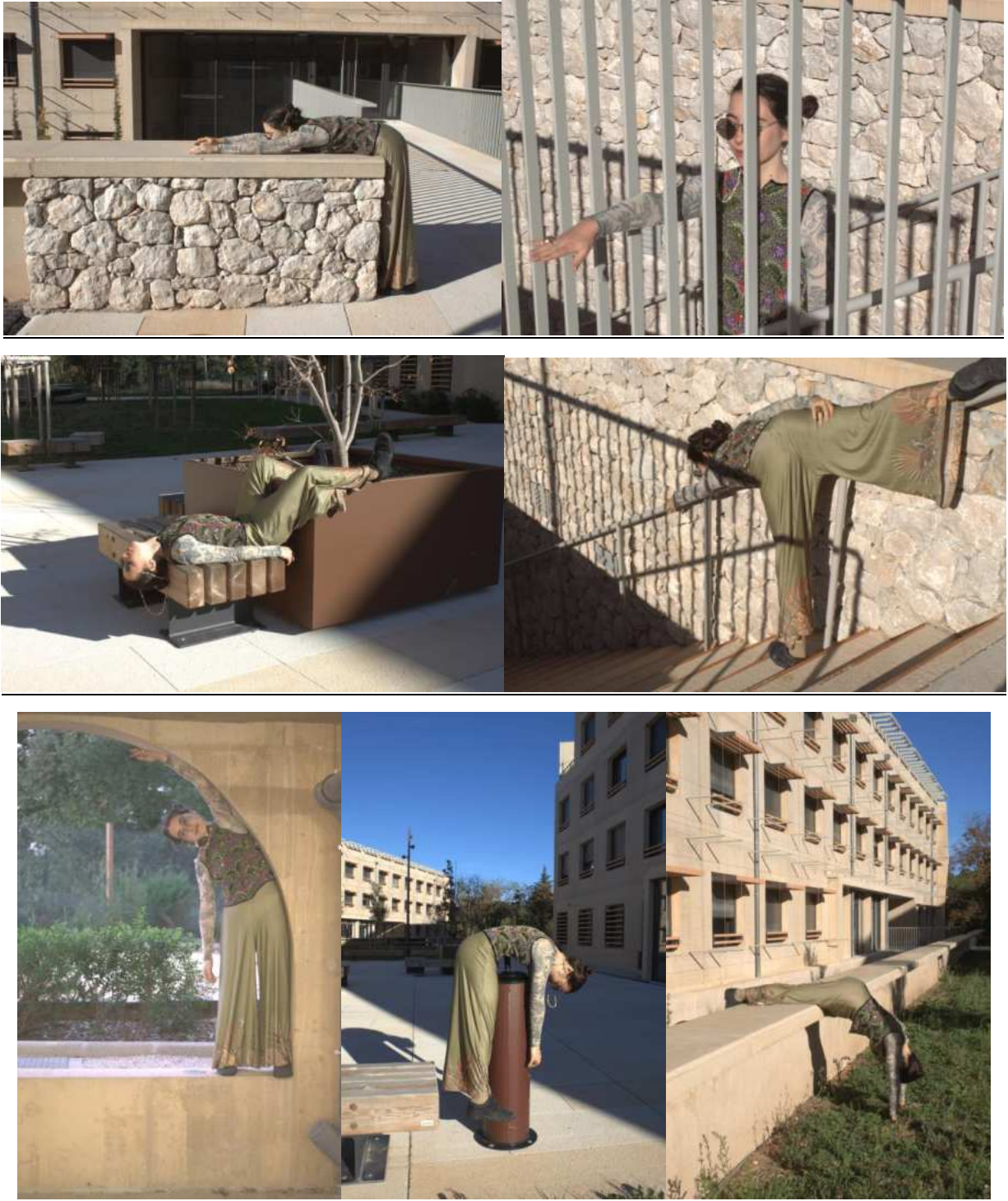
Figuras 112 a 116 – Joana Amora, interações de *Chez la Magicienne* , 2023.



Figura 117 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico. Mapa mental de *A Casa da Maga*. Durante a *Résidence Ressources* no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França.

A partir da minha viagem à França, desenvolvi uma mitologia pessoal de “viajar o universo como uma extraterrestre, descobrindo novos planetas”. Assim como *Chez la Magicienne*<sup>36</sup>, outros trabalhos recentes já propõem essa ambiência de ficção científica e partem dessa relação: entre corpo e espaço; entre humano e paisagem; entre deslocamento e permanência; entre ficção e realidade. *Nouvelles Façons d’Habiter la Société Humaine*<sup>36</sup> é uma série de foto performances que ironiza essas relações de descoberta e estranhamento, e assume um caráter de experimentar e brincar com essas relações. Esse e os próximos trabalhos partem dessas proposições e anunciam futuros da minha produção e pesquisa.

<sup>36</sup> Em português *Novas Formas de Habitar a Sociedade Humana*.



Figuras 118 a 124 – Joana Amora, 2022. Série *Nouvelles Façons d'Habiter la Société Humaine*. Fotoperformance. Auto-retratos. Aix-en-Provence, França.

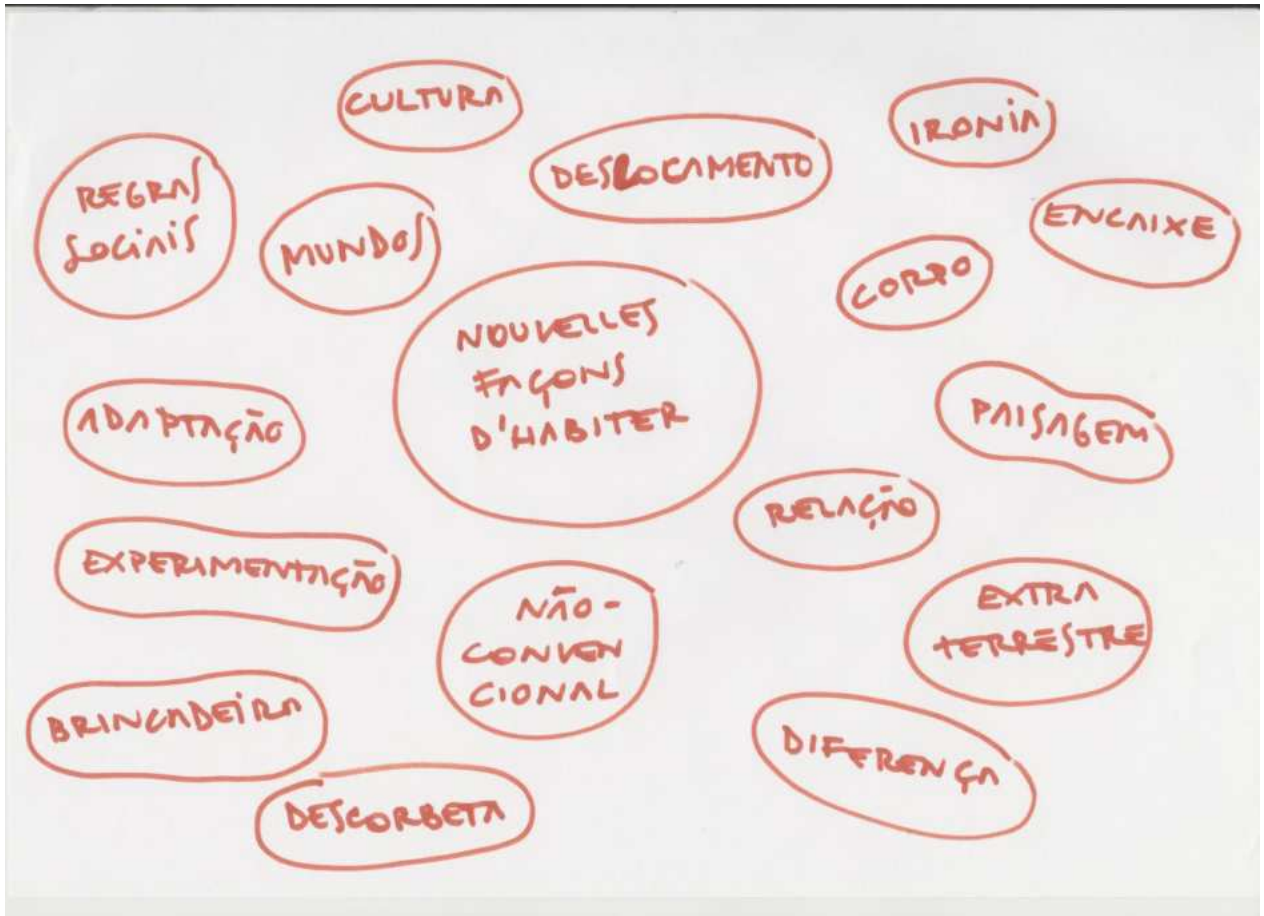


Figura 125 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico.  
 Mapa mental de *Nouvelles Façons d'Habiter la Société Humaine*.  
 Durante a *Résidence Ressources* no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França.



Figuras 126 e 127 – Joana Amora, 2022. Série *Coucou*. Fotoperformance.  
Fotos: Carol Leal. Teresópolis, Brasil.





Figuras 128 e 129 – Joana Amora, *Sans-titre*, 2023. Série *Telonas*. Autorretratos. Posters de 84.1 x 59.4 cm cada.

## 4 CONCLUSÃO



Figura 130 – Joana Amora, 2023. Registro de processo artístico.  
Desenvolvimento do *Manual Prático da Artista-Jardineira*.  
Durante a *Résidence Ressources* no ECHANGEUR22. Saint-Laurent des Arbres, França.

*Bem, chegamos até aqui.*

*Obrigada por me acompanhar.*

*Neste volume do “Manual Prático da Artista-Jardineira” passeamos por:  
“como começar a cultivar mundos”*

Em resumo, entendendo que estamos “cultivando mundos” a todo o momento, neste trabalho de conclusão de curso pensamos: como eles são criados e como podemos ter mais intencionalidade em suas criações.

Recapitulando:

- ★ Saímos para passear na vida.
- ★ Coletamos experiências, sensações e memórias.
- ★ Organizamos tudo aquilo que conhecemos e coletamos, e damos nome às coisas.
- ★ Vemos que existe uma infinidade de coisas diferentes no mundo.
- ★ A partir daí podemos escolher o que cultivar, entendendo que esse é um processo de aprendizado eterno e que vive entre o nosso poder de ação e aquilo que a gente não controla.

Todas as práticas aqui apresentadas se tratam daquilo que descobri cultivando jardins. No caminho, entendi que elas poderiam ser sábios aprendizados para a vida. O jardim é o nosso laboratório do mundo, é onde agimos como Natureza cultivando um pedaço da realidade. No jardim também é onde a criança brinca antes de partir para o mundo. Descobrimos experiências e sensações ela — eu — aprendi minhas primeiras práticas. Podemos até cultivar mundos, mas antes de tudo somos cultivados pelo mundo a todo o momento. Neste primeiro volume, apresentado no TCC, expus a vocês como tenho aprendido a cultivá-los — através das minhas investigações artísticas e reflexões filosóficas — e como tenho entendido meu mundo através de como fui cultivada. Sintetizei essa minha pesquisa e metodologia de forma que reflita minha personalidade e aqui convidei a quem queira tornar-se um pouco uma artista-jardineira, aquela que trabalha e aprende com a Natureza.

O jardim é importante, pois a magia acontece entre a casa, o mundo e o atelier: quando começamos a borrar os limites entre a nossa ação, o nosso ser e o nosso contexto. Neste momento começamos a entender o que é a realidade e essa é a minha proposta para os próximos volumes do *Manual Prático da Artista-Jardineira*. O Volume 2: *O que é a realidade*, pretende apresentar as práticas

da **relação**, dos **sistemas complexos**, do **espaço-tempo**, dos **ciclos**, da **brincadeira** e finalmente da **realidade**. *O que é a realidade* descreve também o caminho para o qual a minha pesquisa está seguindo, como apresentei no capítulo anterior com meus trabalhos que partem de uma mitologia pessoal criada, como Joseph Beuys ou Tunga faziam. Como uma “extraterreste” viajando pelo espaço-tempo e através dos multiuniversos, crio um universo poético para os meus trabalhos. Para construir esses mundos surreais, pretendo desenvolver minhas práticas em fotografia, vídeo, direção de arte e de criação de protocolos. Cada vez mais meus trabalhos tem a intenção de serem feitos a partir dos seres humanos e seus materiais, em parceria com a Natureza e com as noções de universo.

A Natureza humana, portanto, é tudo que descrevi neste manual e é regida por dinâmicas comparáveis à própria Natureza. Interessa-me pensar como esses aprendizados empíricos podem ser aplicados seja em um jardim ou na própria vida, seja em escala individual, ecológica ou coletiva. Me interessa como podemos encontrar soluções observando mais atentamente o mundo, ao invés de inventar novos problemas como os que nós mesmos criamos. Propus e proponho, então, tentarmos aprender algo a partir da nossa experiência no mundo, para podermos agir melhor nele e escolher melhor os efeitos que causamos nele.

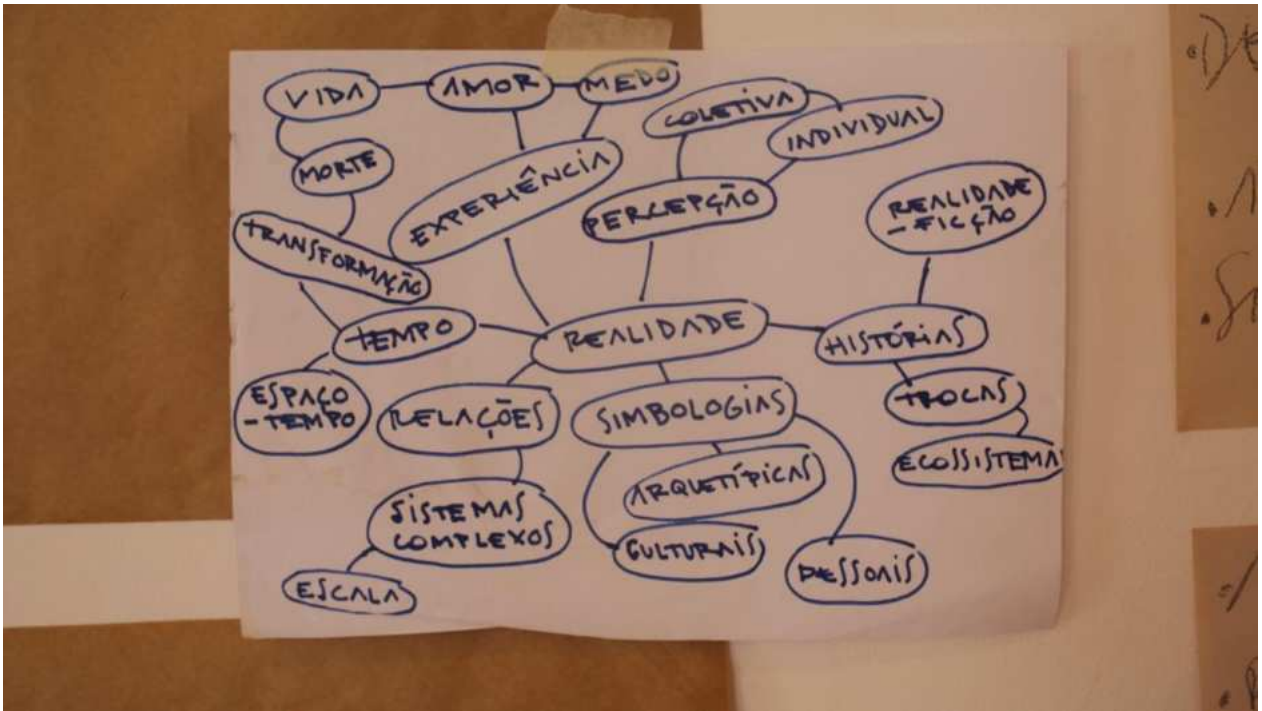


Figura 131 – Joana Amora, 2021. Registro de processo artístico.  
Mapa mental de “Realidade”.

*Obrigada pelo tempo & espaço para essa leitura.*

*Nos vemos na próxima.*

*Com amor, Amora.*

## 5 REFERÊNCIAS

ALQUIMIA | **Michaelis On-Line**. Michaelis On-Line. [s.d.]. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/alquimia/>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

AWARE : ARCHIVES OF WOMEN ARTISTS, RESEARCH AND EXHIBITIONS. **Ágnes Dénes — AWARE**. *AWARE Women artists / Femmes artistes*. 2023. Disponível em: <<https://awarewomenartists.com/artiste/agnes-denes/>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

BACHELARD, Gaston. **La Terre et les rêveries du repos**. Essai sur l’imagination de l’intimité. 16e Réimp. Paris: Librairie José Corti, 1992.

\_\_\_\_\_. **La Terre et les rêveries de la volonté**. Essai sur l’imagination de lamatière. 15 réimpression. Paris: Librairie José Corti, 1992a.

BALTAR, B. **Brígida Baltar**. [s.d.]. Disponível em: <<https://brigidabaltar.com/>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

BERGSON, H. **Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l’esprit**. [s.l.]: [s.n.], 1896.

\_\_\_\_\_. **Mémoire et vie**. [s.l.]: [s.n.], 1975.

BLUMBERG, N. **Andy Goldsworthy | Biography, Art, Style, & Facts**. *Encyclopedia Britannica*. 2016. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Andy-Goldsworthy>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

BOURRIAUD, N. **Estetica relacional**. [s.l.]: Martins Martins Fontes, 2009.

BUSCHBACHER, R. **A Teoria da resiliência e os sistemas socioecológicos : como se preparar para um futuro imprevisível? oletim regional, urbano e ambiental |**, [s.l.], 2014.

CAMPBELL, J.; MOYERS, B.; FLOWERS, B. S. **The Power of Myth**. [s.l.]: Anchor, 1991.

CAUQUELIN, A.; MARCIONILO, M. **Invencao Da Paisagem, a**. [s.l.]: Martins Martins Fontes, 2007.

CLARK, Lygia. **Breviário sobre o corpo**. Revista concinnitas uerj | ano 16, volume 01, número 26, julho de 2015.

CLEMENT, Gilles. **Le jardin planétaire : Reconcilier l'homme et la nature Relié – 2**. Albin Michel, 1999.

COCCIA, E. **La vita delle piante. metafisica della mescolanza**. [s.l.]: [s.n.], 2018.

- COXHEAD, G. **Jac Leirner: Junkie**. *Time Out London*. 2016. Disponível em: <<https://www.timeout.com/london/art/jac-leirner-junkie>>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- C& AMÉRICA LATINA. **Sallisa Rosa**. 2021. Disponível em: <<https://amlatina.contemporaryand.com/pt/people/sallisa-rosa/>>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- DA LIU. **Tai Chi Chuan e Meditação**. Editora Pensamento, 1995.
- DA SILVA, F. A. **CONTRIBUIÇÕES LINGÜÍSTICAS: DOS ESTUDOS SAUSSURIANOS AOS ESTUDOS MODERNOS**. *Travessias*, [s.l.], v. 2, n.º 2, 2008.
- DE CARVALHO, C. **SAUSSURE E A LÍNGUA PORTUGUESA**. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [s.l.], v. 21, n.º 34, 2014.
- DUBOIS, P. **De l'image-trace à l'image-fiction. Le mouvement des théories de la photographie de 1980 à nos jours**. 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/etudesphotographiques/3593>>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- DUCHAMP, M. **The writings of Marcel Duchamp**. [s.l.]: Da Capo Press, Incorporated, 1973.
- ETIMOLOGIA | **Michaelis On-Line**. Michaelis On-Line. [s.d.]. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/como-consultar/etimologia/>>. Acesso em: 09 jul. 23.
- EX\_SITU, R. **La dérive, radicalisation de la promenade surréaliste**. *EX\_SITU*. 2021. Disponível em: <<https://revueexsitu.com/2021/08/30/la-derive-radicalisation-de-la-promenade-surrealiste/>>. Acesso em: 17 jul. 23.
- GIL, José. **Abrir Corpo: Corpo, Arte e Clínica**. Org. por Tania Mara Galli Fonseca e Selda Engelman. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2004.
- GUATARI, F. **As três ecologias**. [s.l.]: [s.12.], Papyrus Editora, 2022.
- INICIADOS, T. **O Caibalion: Um estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia**. [s.l.]: Mantra, 2019.
- JARAMILLO, L. **Proceso fotográficos antiguos: cianotipia**. SieteFotógrafos | Escuela Club, [s.l.], 2022.
- JARDIN: **Etymologie de JARDIN**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/etymologie/jardin>>. Acesso em: 01 jul. 23.
- KATO, D. S.; MARTINS, L. A.-C. P. A "**sociologia de plantas**": Arthur George Tansley e o conceito de ecossistema (1935). *Repositorio USP*, [s.l.], 2016.
- KRAUSS, R. E. **Caminhos da escultura moderna**. En: FISCHER, J. (trad.). 1 ed. São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes, 2001.
- KOPENAWA, Albert, B, Davi. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. [s.l.]: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. [s.l.]: Editora Companhia das Letras, 2019.

LA NOUVELLE AGENCE, G.-. **Joseph Beuys**. *Musée d'Art Moderne de Paris*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.mam.paris.fr/fr/expositions/exposition-joseph-beuys>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

LAVIGNE, N. Habitando dois universos. C& AMÉRICA LATINA. 2021a. Disponível em: <<https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/habitar-dois-universos-e-incomodar-os-dois-lados-sallisa-rosa/>>. Acesso em: 01 jul. 2023.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, [s.l.], n.º 19, p. 20-28, 2002. DOI: 10.1590/s1413-24782002000100003.

MACHADO, I. **Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin**. *Língua e Literatura*, [s.l.], v. 22, p. 89, 1996. DOI: 10.11606/issn.2594-5963.lilit.1996.114125.

MANCUSO, S. Plant Revolution. **Le piante hanno già inventato il nostro futuro**. [s.l.]: [s.n.], 2023.

PAYSAGE: **Etymologie de PAYSAGE**. [s.d.]. Disponível em: <[https://www.cnrtl.fr/etymologie/paysage&sa=D&source=docs&ust=1688226932017737&usg=AOvVaw3ok3f3HO-pxBKj\\_LKiNCNZ](https://www.cnrtl.fr/etymologie/paysage&sa=D&source=docs&ust=1688226932017737&usg=AOvVaw3ok3f3HO-pxBKj_LKiNCNZ)>. Acesso em: 01 jul. 2023.

PUZZO, M. B. **Revisitando questões de gramática e de ensino de um ponto de vista bakhtiniano**. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, [s.l.], v. 7, n.º 1, p. 161-177, 2012. DOI: 10.1590/s2176-45732012000100010.

REBENTISCH, J. **Sept négations**. *Multitudes*, [s.l.], v. 35, n.º 4, p. 112, 2008. DOI: 10.3917/mult.035.0112.

ROLNIK, S. **Breve descrição dos Objetos Relacionais : Anexo ao ensaio de Suely Rolnik**. Núcleo de Estudos da Subjetividade PUCSP, [s.l.], 2005. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/descricaoelacionais.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. **A hora da micropolítica**. *Goethe Institut Brasil*. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

KUNIICHI, Uno. **Hijakata Tatsumi, Penser un corps épuisé**. Editora Les presses du réel, Dijon, França, 2018.

TZU, Lao. **Tao Te Ching: The Classic Book of Integrity and the Way**. Editora Bantam, 1990.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. [s.l.]: [s.n.], 2003.



SMITHSON, P.; SMITHSON, R. **Robert Smithson: The Collected Writings**. [s.l.]: Univ of California Press, 1996.

UNO, Kuniichi. **Hijikata Tatsumi**, penser un corps épuisé Editora : Les presses du réel, 2018.

VERNISSAGETV. **Tehching Hsieh: Doing Time / Taiwan Pavilion, Venice Art Biennale 2017**. *YouTube*. 2017g. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b7p3w-v9nlk>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

ZANIN, T. **Kombucha: o que é, benefícios e como fazer**. *Tua Saúde*, [s.l.], 2022. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/beneficios-do-kombucha/>. Acesso em: 29 jul. 2023.

**Agnes Denes**. [s.d.]. Disponível em: <<http://agnesdenesstudio.com/>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

**Joseph Beuys**. *Centre Pompidou*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.centrepompidou.fr/fr/offre-aux-professionnels/enseignants/dossiers-ressources-sur-lart/art-et-ecologie/joseph-beuys>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

**Joseph Beuys**. *Tate*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/artists/joseph-beuys-747>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

**Lista de las especies por familia - Species List by Family**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.conabio.gob.mx/malezasdemexico/2inicio/paginas/lista-plantas.htm>>. Acesso em 29 jul. 2023.

**Paisagem | Michaelis On-Line**. *Michaelis On-Line*. [s.d.]. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/5Bw9o/paisagem/>>. Acesso em: 01 jul. 2023.

**Taiwan in the 59th Venice Biennale**. *Taiwan in the 59th Venice Biennale*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.taiwaninvenice.org/>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

**TEHCHING HSIEH: DOING TIME**. *TEHCHING HSIEH*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.tehchingsieh.net/doing-time>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

**Tehching Hsieh: One Year Performance 1980-1981 - Google Arts & Culture**. *Google Arts & Culture*. [s.d.]. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/story/DgUxBdmGZBUA8A>>. Acesso em: 09 jul. 2023.